



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Daniel Cristofe Pereira Lavrador

DE PORTAS ABERTAS:
INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E COMUNITÁRIA NO
VALE DA ARREGAÇA

Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia
orientado pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho e apresentada à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Janeiro de 2021



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Daniel Cristofe Pereira Lavrador

DE PORTAS ABERTAS:
INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E COMUNITÁRIA NO
VALE DA ARREGAÇA

**Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia
orientado pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho e apresentada à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.**

Janeiro de 2021

Agradecimentos

A elaboração deste relatório marca o final de um ciclo do meu percurso académico e apenas foi concretizado porque tive a ajuda e o apoio de várias pessoas que conheci ao longo do meu percurso. Por esse motivo, queria mostrar o meu agradecimento a essas pessoas.

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão aos meus pais e ao meu irmão por todos os esforços e sacrifícios que fizeram para poder ter a oportunidade de frequentar o Ensino Superior, continuar os meus estudos académicos e seguir os meus sonhos profissionais.

Também agradecer a todos os amigos que me acompanharam nesta viagem, desde do primeiro dia de licenciatura até este momento. Sobretudo aos meus colegas de curso e aos meus colegas do curso de Direito do qual tive o prazer de conviver.

Agradecer a minha orientadora Cláudia Pato de Carvalho por me ajudar na construção do presente relatório. Disponibilizou-se sempre a ajudar-me e acompanhar-me sobretudo durante o período de confinamento.

Agradecer a todos os elementos do projeto De Portas Abertas, sobretudo aos meus colegas de Estágio, João Catulo e Sofia Coelho, à coordenadora do projeto Isabel Craveiro pôr-me terem acompanhado e auxiliado durante todas as atividades do projeto. Também mencionar o Ricardo Almeida por ter ajudado a realizar a análise estatística do relatório referente ao inquérito aplicado aos moradores do Vale da Arregaça.

Por último, agradecer a toda equipa do Teatrão por me acolher e me acompanhar neste projeto.

A todos muito Obrigado.

Resumo

O presente relatório tem como base o estágio realizado no Teatrão (Oficina Municipal de Teatro), no contexto do projeto *De Portas Abertas*, projeto artístico-comunitário desenvolvido no Vale da Arregaça, em Coimbra.

A minha tarefa principal foi integrar a equipa do projeto e contribuir para o processo de Mapeamento Cultural do Vale. Partindo das características e da natureza desta zona da cidade, o relatório tem como objetivo refletir sobre a forma como questões sociais, culturais e políticas associadas a determinados espaços urbanos podem ser relevadas através de atividades culturais e artísticas.

Ao longo da História, a atividade artística sempre teve um papel interventivo e de reivindicação social. Apesar do uso das novas inovações tecnológicas e das redes sociais que tiveram um papel fundamental nos novos movimentos sociais (como o movimento Occupy Wall Street e a Primavera Árabe), é pertinente perceber de que forma a arte e a cultura assumiram formatos de intervenção social.

A metodologia utilizada foi adequada às tarefas planeadas, em particular: pesquisa bibliográfica e análise documental sobre diferentes aspetos do Vale da Arregaça; observação direta e identificação dos principais lugares de grande significado histórico e cultural; aplicação presencial de inquéritos por questionário; entrevistas semiestruturadas às principais personalidades da zona e análise estatística de inquéritos.

Os resultados apresentam as conclusões retiradas da análise dos inquéritos, análise das entrevistas e da observação direta. Pretendi dar conta também da organização e preparação das tarefas do estágio, suas dificuldades ao longo do processo de acompanhamento, particularmente provocadas pela corrente pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: O Teatrão; *De Portas Abertas*; Património Cultural; Intervenção Cultural e Comunitária; Vale da Arregaça

Abstract

This report is based on the internship held at the Teatrão (Oficina Municipal de Teatro), in the context of the project *De Portas Abertas*, artistic-community project developed in Vale da Arregaça, in Coimbra.

My main task was to integrate the project team and contribute to the process of cultural mapping of the Valley. Based on the characteristics and nature of this area of the city, the report aims to reflect on how social, cultural and political issues associated with certain urban spaces can be relegated through cultural and artistic activities.

Throughout history, artistic activity has always played an intervening and social role. Despite the use of new technological innovations and social networks that played a key role in the new social movements (such as the Occupy Wall Street movement and the Arab Spring), it is pertinent to understand how art and culture have assumed forms of social intervention.

The methodology used was appropriate to the planned tasks, in particular: bibliographic research and documentary analysis on different aspects of the Vale da Arregaça; direct observation and identification of the main places of great historical and cultural significance; in-person application of surveys by questionnaire; semi-directive interviews with the main personalities of the area and statistical analysis of surveys.

The results present the conclusions drawn from the analysis of the surveys, analysis of the interviews and direct observation. I also wanted to give an account of the organization and preparation of the internship tasks, their difficulties throughout the follow-up process, particularly caused by the pandemic current of Covid-19.

Keywords: O Teatrão; *De Portas Abertas*; Cultural Heritage; Cultural and Community Intervention; Valley of Arregaça

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice de Gráficos	vi
1. Introdução	1
2. Objetivos do Relatório	3
3. Entidade de acolhimento	5
4. Apresentação do Projeto <i>De Portas Abertas</i>	7
4.1. Parcerias	9
5. Características do estágio curricular	12
6. Estado de Arte	14
6.1. Ativismo	14
6.2. Teatro ao serviço da Comunidade	17
6.3. Mapeamento Cultural	22
7. Metodologias	29
7.1. Descrição das tarefas	30
7.1.1. Pesquisa bibliográfica e documental sobre o Vale da Arregaça	30
7.1.2. Observação Direta do Vale	31
7.1.3. Aplicação de Inquéritos aos Moradores do Vale.....	32
7.1.4. Reuniões com os Agentes Locais.....	36
7.1.5. Entrevistas semiestruturadas.....	37
7.1.6. Atividades durante a pandemia Covid-19	39
8. Resultados	41
8.1 Análise estatística	41
8.2. Análise das Entrevistas	63

8.2.1. Clube União de Coimbra/União 1919	63
8.1.2. Sociedade de Porcelanas	66
8.1.3. Bairro Social Fonte do Castanheiro	69
9. Conclusão	72
10. Referencias Bibliográficas	74
Anexos	77
Anexo 1 – Mapa do Vale da Arregaça	78
Anexo 2 – Inquérito aplicado aos moradores do Vale da Arregaça	79
Anexo 3 – Processo metodológico “Carrossel”	83
Anexo 4 – Mapa do Bairro Fonte do Castanheiro (usado durante o processo de mapeamento)	90
Anexo 5 – Fotos do Espetáculo <i>De Portas Abertas</i> - Autoria de Carlos Gomes	91

Índice de Gráficos

Gráfico nº 1 – Distribuição dos inquéritos aplicados pelas Áreas de Estudo	41
Gráfico nº 2 - Cruzamento entre a Faixa Etária com as áreas de Estudo	42
Gráfico nº 3 - Cruzamento entre as Áreas de estudo com o tempo de vivência no Vale da Arregaça.....	43
Gráfico nº 4 - Cruzamento entre o Nível de Escolaridade dos moradores com as Áreas de Estudo.....	43
Gráfico nº 5 - Opinião dos moradores sobre se existe uma oferta cultural em Coimbra.....	45
Gráfico nº 6 - Opinião dos moradores quanto à divulgação da oferta cultural em Coimbra.....	46
Gráfico nº 7 - Opinião dos moradores sobre a oferta cultural Coimbrã é baseada nas preferências das comunidades locais.....	48
Gráfico nº 8 - Opinião dos moradores sobre se a Câmara Municipal de Coimbra valoriza a prática cultural da cidade	49
Gráfico nº 9 - Opinião dos moradores sobre o interesse do público em relação às atividades culturais de Coimbra	50
Gráfico nº 10 – Opinião dos moradores sobre o interesse dos habitantes de Coimbra em participar em atividades culturais.....	51
Gráfico nº 11 - Opinião dos moradores sobre a divulgação das entidades culturais da cidade.....	53
Gráfico nº 12 - Opinião dos moradores sobre a participação dos residentes em atividades culturais.....	54
Gráfico nº 13 - Opinião dos moradores sobre se os residentes demonstram interesse nas atividades culturais da cidade	56
Gráfico nº 14 - Opinião dos moradores sobre as tradições do Vale.....	57
Gráfico nº 15 - Conhecimento dos moradores sobre referência ou monumento de importância histórica para o Vale	58

Gráfico nº 16 - Opinião dos moradores sobre se os residentes teriam interesse em participar em atividades culturais da cidade	60
Gráfico nº 17 - Opinião dos moradores sobre se os residentes acham positiva a criação de ofertas culturais com base nas práticas culturais tradicionais	61
Gráfico nº 18 - Interesse dos moradores em participar no projeto	62

1. Introdução

Este trabalho integra o plano de estudos do 2ºano de Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. O presente relatório tem como base um estágio curricular realizado no Teatrão, companhia profissional de teatro de Coimbra, e visa dar conta de todas as atividades realizadas durante os 6 meses em que fiz parte do projeto de intervenção *De Portas Abertas*. Durante este percurso, é de relevar o conhecimento que adquiri e assimilei durante as 560 horas do estágio.

O meu percurso académico na área da Sociologia permitiu ter conhecimento e acesso a práticas teóricas que foram úteis para este projeto, mas acima de tudo, desenvolver uma capacidade autorreflexiva e autocrítica da sociedade e dos seus fenómenos. Por outro lado, permitiu-me entender as mudanças sociais, as transformações contínuas da sociedade, sejam elas políticas, económicas, culturais ou sociais. Percebi que a relação entre as pessoas inseridas numa determinada comunidade, o papel que elas assumem, os comportamentos que possuem e a visão que elas têm do mundo não são fruto do acaso. A própria sociedade também tem o seu papel na formação dos indivíduos e das funções que irão ter perante a sociedade. Foi com este conhecimento que aprendi a analisar melhor os problemas sociais. A Sociologia pode ajudar-nos a identificar esses problemas e a encontrar possíveis soluções para que a sociedade se torna mais coesa e justa.

Foi com essa perspetiva e ambição que conheci uma zona da cidade de Coimbra, pertencente á Junta de Freguesia Santo António dos Olivais, denominada Vale da Arregaça. Através do projeto *De Portas Abertas* tive oportunidade de conhecer os problemas deste Vale, as suas infraestruturas, os seus problemas urbanísticos, as suas dicotomias sociais, nomeadamente as zonas abandonadas e em particular o sentimento de afastamento dos residentes em relação às instituições municipais. Foi no decorrer deste Estágio Curricular que dei a conhecer estes problemas e procurei entender melhor as variáveis que operam naquela zona da cidade. O Vale da Arregaça foi o lugar escolhido pelo Teatrão para a implementação do projeto *De Portas Abertas*. O objetivo do mesmo foi a criação de

um espetáculo comunitário que dialogasse com as especificidades sociais e culturais desta zona da cidade de Coimbra.

Integrei uma equipa de investigação que teve como objetivo realizar um Mapeamento Cultural do Vale da Arregaça. Estive presente na aplicação dos inquéritos e auxiliei uma turma de alunos da Escola Secundaria Quinta das Flores na aplicação desse mesmo inquérito. Participei em reuniões com as principais associações do Vale, colaborei nas entrevistas aos moradores, ex-trabalhadores da antiga fábrica Sociedade de Porcelanas, outras personalidades de relevo. Realizei também a análise estatística dos inquéritos.

Para um melhor entendimento de todo o processo, o presente relatório terá a seguinte estrutura: inserir o que vai ser escrito no índice contextualização do tema central, apresentação reflexiva sobre o Estado da Arte, descrição metodológica e resultados e a sua respetiva Conclusão.

Serão apresentados alguns conceitos relacionado com o tema central do relatório, conceitos esses que estão integrados no Estado da Arte. Entre os conceitos destaco os seguintes: o Artivismo e o seu impacto nas performances políticas no espaço público; o teatro como meio de intervenção cultural em contexto comunitário; o Mapeamento Cultural como instrumento de recolha e compreensão sociocultural das comunidades. De seguida serão descritas e enunciadas todas as estratégias e metodologias utilizadas ao longo de todo o processo assim como a sua execução. Por último, mostrarei os resultados de todo trabalho desempenhado. Explorarei as tensões que existem entre a perspetiva teórica e a prática. Analisarei os pontos positivos e negativos do trabalho de estágio e também tentarei assinalar a importância e a relevância de um projeto desta natureza no contexto urbano e social em que vivemos.

2. Objetivos do Relatório

Este relatório de estágio pretende dar conta do processo de envolvimento no projeto de intervenção artística e comunitária *De Portas Abertas*, no qual participei durante o estágio curricular realizado no Teatrão. O objetivo principal deste relatório é dar conta de um processo de intervenção artística que visou promover o desenvolvimento de comunidades urbanas, refletindo sobre a forma como a arte pode ser um fator de desenvolvimento urbano e integração social.

Atualmente, vemos um aumento cada vez maior das desigualdades sociais, acentuadas pela presente pandemia do Covid-19 e, conseqüentemente, pela crise económica e social. Estes fatores têm vindo a acelerar o processo de empobrecimento das populações, tornando os postos de trabalhos cada vez mais precários e fragilizados, acentuando a marginalização e a exclusão de determinadas fações da população. Assim, torna-se cada vez mais indispensável tentar encontrar formas de solidariedade para com as comunidades mais vulneráveis.

Com o decorrer do estágio, através do contacto direto com os residentes e com a realidade social e cultural do Vale, tive a oportunidade de observar de perto algumas dessas desigualdades. Também me foi possível perceber a falta de reabilitação dos edifícios residenciais, as dificuldades em manter relações de vizinhança, o desaparecimento progressivo da tradição e da cultura local. Adicionalmente, percecionei um sentimento generalizado de abandono por parte dos residentes em relação às instituições públicas e às próprias associações locais. Assim sendo, os conceitos de Ativismo, Teatro, Comunidade e Mapeamento Cultural são os pilares teóricos fundamentais para a escrita deste relatório.

O projeto *De Portas Abertas* tem como propósito desenhar e implementar uma intervenção artística no Vale da Arregaça, reivindicando assim uma chamada de atenção para esta zona da cidade e para os problemas experienciados por estas comunidades. Seguindo esta linha de orientação, este relatório pretende fazer um balanço do meu estágio curricular no Teatrão e da minha participação no projeto.

Farei, primeiramente, uma breve descrição sobre a entidade de acolhimento O Teatrão e sobre o projeto no qual participei, bem como sobre as características

do estágio. Serão também apresentados os tópicos enunciados na introdução: estado da arte, atividades desenvolvidas, metodologias utilizadas assim como apresentação de todos os resultados que o projeto produziu.

3. Entidade de acolhimento

O Estágio foi realizado no Teatrão, uma companhia profissional de teatro sediada em Coimbra, fundada por Manuel Guerra em 1994. As atividades iniciais da companhia foram sobretudo a realização de espetáculos para a infância, quase exclusivamente para o público escolar do 1º ciclo. Nessa altura, foram realizados cerca de 12 espetáculos por ano. A companhia ainda não tinha uma sede própria, apenas um escritório de produção. Através de um acordo com o cineteatro S. Teotónio, o Teatrão passou a poder usar o espaço para a realização dos seus espetáculos 2 vezes por ano. A partir de 2001, a companhia decidiu expandir a sua oferta cultural e oferecer espetáculos para outras faixas etárias, nomeadamente para o público juvenil. Foram feitas experiências de novas dramaturgias e contactados outros atores, encenadores e produtores. Toda esta dinâmica contribuiu para o desenvolvimento da companhia, criando um corpo de atores, assim como um espaço próprio para apresentação de uma programação. Depois de uma fase de transição no Museu dos Transportes, em 2008, o Teatrão muda-se definitivamente para a Oficina Municipal do Teatro onde consegue ter condições necessárias para uma programação de teatro que permite o diálogo entre o espetáculo e os vários públicos. Nos dias de hoje, o objetivo do trabalho da companhia é também que seja inclusivo para todos. Por outro lado, o Teatrão tem também uma filosofia de preocupação com o desenvolvimento cultural da sociedade.

Esta maneira de pensar reflete-se nas principais vertentes do trabalho, em particular:

- Criação e produção de peças de teatro, tanto dentro dos espaços convencionais como em contexto de comunidade;
- Parceria com outras companhias/associações de teatro amador e profissional;
- Dar formação e lecionar aulas de teatro para a comunidade, para todas as idades,

Uma das estratégias que mais se destaca no trabalho da companhia são as classes de teatro. Estas classes são um espaço de aprendizagem e de formação na área do teatro que permite aos alunos entrarem em contacto com o mundo artístico despertando interesse pela atividade. Por outro lado, têm também como objetivo desenvolver capacidades relacionadas com o teatro e a dramaturgia. Os alunos são também estimulados a pensar sobre os grandes dilemas sociais e os problemas do mundo atual, incrementando espírito crítico.

Outras atividades de referência desenvolvidas pelo Teatrão são a organização de workshops, oficinas e pequenos colóquios. O objetivo é conhecer melhor o trabalho e os projetos a serem desenvolvidos pela companhia e tentar debater, de uma maneira mais informal algumas questões do mundo atual. O Teatrão também organiza espetáculos musicais numa sala dedicada para este tipo de eventos: “A Tabacaria”. Nela são apresentados artistas musicais do cenário underground e alternativo, mostrando a versatilidade da programação musical.

Outro projeto de referência é o projeto “Bando à Parte” (2010-2017) (Silva, 2013), projeto de intervenção artística e social, composto por 3 componentes de formação artística. Trata-se de um plano de formação para jovens adolescentes, em risco ou situação de exclusão social, que tem como base desenvolver as capacidades individuais dos participantes, seja na área do teatro, mas também na música e na dança. O objetivo é promover relações interpessoais e intergrupais, fortalecer uma consciência de participação ativa sobre os problemas sociais e tentar inculcar nos participantes um raciocínio crítico e uma capacidade de iniciativa e de intervenção social.

As atividades mencionadas mostram que a companhia se encontra empenhada em promover a atividade artística, mais especificamente o teatro, como veículo de transformação de mentalidades. O Teatrão utiliza uma linguagem clara, objetiva, interativa e criativa, despertando nas pessoas novas perspetivas e olhares sobre o mundo.

4. Apresentação do Projeto *De Portas Abertas*

O projeto *De Portas Abertas* é um projeto de teor interventivo, artístico e comunitário que tem como objetivo principal explorar criticamente e dar a conhecer o Vale da Arregaça. Esta proposta do Teatrão propõe investigar espaços e lugares do Vale de grande significado cultural e simbólico, suas tradições e costumes e as relações entre os residentes e o meio social e cultural em que vivem. Em suma, pretende-se criar um espetáculo de intervenção comunitária, em que o próprio Vale da Arregaça é o palco do espetáculo.

O projeto *De Portas Abertas* iniciou-se em setembro de 2019, através de um processo de Mapeamento Cultural para identificar moradores, lugares, espaços, serviços e associações nesta zona de Coimbra. O objetivo foi encontrar histórias de vida e criar uma relação de proximidade com os moradores. O Vale da Arregaça situa-se na cidade de Coimbra entre a Rua do Brasil, o Vale das Flores e o Bairro Norton de Matos. Desde tempos imemoriais que foi palco de lutas entre Cristãos e Mouros, durante o período da Reconquista Cristã (Azevedo, 1933). Era uma zona onde predominavam sobretudo quintas e hortas, ocupando um estatuto central na cidade dado que era uma das principais zonas de produção de alimento para a cidade. Foi também nesse tempo que surgiu a Fonte do Castanheiro (Lemos, 2004). Esta fonte foi criada no Séc. XVIII como fonte pública para que as pessoas pudessem adquirir água potável. Desde cedo ficou ligada à boémia Coimbrã, aos relacionamentos entre os estudantes e as tricanas e a mitos e lendas associadas a mesma. Encontra-se hoje deteriorada e abandonada.

De relevar também a Sociedade de Porcelanas, fábrica especializada em fabrico de artigos e loiça de porcelana, fundada em 1922 e que entrou em insolvência em 2005. Um período de grandes conturbações entre os operários e os dirigentes deu origem a sucessivas greves contra o fecho da fábrica (Entrevista nº4).

É também nesta zona da cidade que abriga o clube que representava a classe popular conimbricense, C.F. União de Coimbra, clube rival da Associação Académica de Coimbra, que representava os estudantes e a elite conimbricense. A sede deste clube seria o Campo da Arregaça, inaugurada em 1928, e que até

agora continua a ser casa do agora renomeado União 1919 (Clube União 1919, s.d.).

Durante a década de 1940, no período do Estado Novo, António de Oliveira Salazar, decidiu construir a cidade Universitária. Para tal ordenou a demolição da velha Alta de Coimbra e mandou expulsar os moradores, conhecidos por Salatinas. Cerca de 100 famílias foram realojadas no recém-construído bairro social da Fonte do Castanheiro, onde os filhos ainda hoje vivem (Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, 1988). Com o realojamento dos Salatinas, estes trouxeram também os seus costumes e tradições para a zona, sendo a mais conhecida as fogueiras de S. João, realizadas no mês de junho. Podemos ver que esta zona foi marcada pelos ciclos de mudança que a cidade ia tendo à medida que o tempo ia passando. Com a chegada de novos inquilinos e com o desaparecimento dos antigos moradores, essa marca, que tanto caracteriza esta zona, está a desaparecer progressivamente. Para mais informações sobre o Bairro Social, sugiro a consulta do anexo 4 – Mapa do Bairro Fonte do Castanheiro (usado durante o processo de mapeamento).

Por um lado, o projeto *De Portas Abertas* surge da necessidade de voltar a dar vida à zona e promover a integração social entre os novos e antigos moradores. Por outro, tenta promover relacionamentos entre os mesmos e incorporar a componente artística na vivência das pessoas. Paralelamente, também adiciona uma componente crítica e social ao relevar problemas estruturais da zona. Alguns destes problemas estão relacionados com a habitação de muitos moradores do Vale, assim como com o sentimento de abandono por parte das instituições locais. *De Portas Abertas* promove uma reflexão sobre os tempos atuais e sobre a necessidade de encontrar pontos de ligação entre a atividade artística e as comunidades locais. O próprio nome dado ao projeto reflete a génese do espetáculo, que pretende dar às pessoas do Vale a possibilidade de “abrir as suas portas” à cidade de Coimbra. Estas comunidades são assim apresentadas como um grupo singular e ímpar que têm a oportunidade de contar a sua história, mostrar o Vale e as suas especificidades que tanto o caracterizam enquanto comunidade.

O espetáculo, assume o formato de uma *performance* de rua, com a participação dos moradores. Está dividido em duas partes: a primeira parte, realizada em setembro de 2020 no Campo da Arregaça e a segunda a realizar em 2021. Infelizmente devido a situação provocada pela pandemia Covid-19 e

seguindo as orientações da Direção Geral da Saúde, os moradores não puderam participar na *performance* de rua. Esta *performance* refletiu o resultado do processo de colaboração entre a equipa do Teatrão e os agentes locais, fazendo deles parceiros inestimáveis para a concretização desta intervenção artística.

A dramaturgia foi realizada por Sandra Pinheiro, um dos elementos da equipa artística. A Sandra possui já uma larga experiência na escrita de peças de teatro, em particular para a RTP e para a companhia Didaskalia, associação que tem vindo a fazer um trabalho de criação artística em meio empresarial. A sua escrita foca-se em temas relacionados com o trabalho e com outras questões sociais. O seu processo de trabalho para o projeto *De Portas Abertas* baseou-se sobretudo na realidade do Vale e nos temas que preocupam os residentes.

Segundo o Teatrão, a *performance* de rua, realizada em setembro de 2020, apresenta:

Uma guia turística [que] recebe o público para iniciar uma viagem pela Arregaça, o segredo mais bem escondido da cidade de Coimbra. Esta leva os visitantes a tomar contacto com os moradores, apelando para o enorme potencial deste bairro. A excursão turística interrompe uma assembleia de moradores, atravessa um piquete de greve, apanha um comboio, banha-se numa fonte e torce por uma equipa de futebol. E tudo sem sair do bairro e com as devidas medidas de segurança! Os turistas poderão conhecer os habitantes que confundem a vida com as histórias que contam, os que ficam possuídos pelo calor das fogueiras, os que cantam para esquecer o desemprego ou os que vêem na água uma possibilidade de negócio. Sejam bem-vindos à Arregaça! (Pinheiro, 2020, p. 6).

4.1. Parcerias

Para uma melhor execução do projeto foram necessárias algumas parcerias que ajudaram na divulgação, no financiamento e na concretização de algumas estratégias de Mapeamento Cultural. Estas parcerias foram importantes porque contribuíram para o sucesso do projeto, tanto no processo de Mapeamento Cultural como na logística do espetáculo. Entre eles encontram-se os principais financiadores do projeto, em particular os seguintes:

- Câmara Municipal de Coimbra, através dos Departamentos de: Cultura, Urbanismo, Desporto, Habitação Social, Obras e Infraestruturas, Ambiente

e Espaços Verdes. E apoio de ordem diversa em questões específicas de produção do projeto e do espetáculo;

- Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, através da realização de entrevista ao presidente; apoio de ordem diversa em questões específicas de produção do projeto e do espetáculo;

- Associação Artística e Cultural Salatina, na participação no mapeamento cultural enquanto inquiridos; participação no espetáculo através do desempenho instrumental da banda sonora;

- Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos, Construção, Madeiras Mármore e similares da Região Centro, é uma parceria que nasceu pela ligação da antiga Fábrica de Porcelanas, que outrora pertencida à Vista Alegre. Foi pertinente sobretudo no Mapeamento Cultural, na análise do passado industrial da zona e na realização de entrevistas a ex-sindicalistas e ex-trabalhadores da Sociedade de Porcelanas de Coimbra.

- O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, através do acompanhamento do processo de Mapeamento Cultural.

- Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra pela inserção de dois alunos do Mestrado em Sociologia no desenho e implementação do Mapeamento Cultural do Vale da Arregaça. Estes alunos realizaram um estágio curricular durante 6 meses (setembro de 2019 até março de 2020) no contexto do projeto *De Portas Abertas*.

Para além das parcerias mais abrangentes, anteriormente referidas, destaco também parcerias locais que tiveram um envolvimento direto no projeto de intervenção:

- Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro, associação que pertence a uma das zonas mais terminantes do projeto, nomeadamente da divulgação do projeto aos seus moradores, assim como identificar possíveis interessados em participar no projeto

- O Clube de Ténis de Coimbra, apoio logístico à produção do espetáculo de intervenção e participação no Mapeamento Cultural enquanto inquiridos.
- Clube União 1919, organização responsável pela prática desportiva do Vale da Arregaça. Este clube de futebol forneceu o espaço, Campo da Arregaça, para a realização do espetáculo.
- Clube de Pessoal EDP, na participação no Mapeamento Cultural enquanto inquiridos
- Escola Secundaria Quinta das Flores. Os alunos do 12º ano desta escola estiveram envolvidos através da aplicação de inquéritos de porta a porta aos moradores do Vale da Arregaça (1º fase da aplicação – dezembro de 2019; 2º fase – janeiro de 2020)
- Grupo Desportivo da Arregaça contribuiu para a recolha de informação sobre a história e transformações sociais no Vale da Arregaça, nomeadamente na realização de entrevistas a membros do grupo e cedência do espaço do espaço para a realização de atividades paralelas
- Escolinha Encantada, na participação no Mapeamento Cultural enquanto inquiridos;

5. Características do estágio curricular

O estágio teve a duração de 6 meses, entre 16 de setembro de 2019 e 13 de março de 2020 no Teatrão. Posteriormente, depois do dia 13 de março, devido a situação de confinamento decorrente da pandemia de Covid-19, realizei as restantes atividades em casa até ao dia 30 de junho de 2020. Este estágio fez um número total de 560 horas.

A orientadora do estágio foi Isabel Craveiro. Atriz, atual diretora artística da Companhia e coordenadora do projeto *De Portas Abertas*. A orientadora do presente relatório de estágio foi a Prof. Doutora Cláudia Pato de Carvalho. Também desempenha funções da direção geral do Teatrão, como vogal. É socióloga e investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Os objetivos deste estágio foram:

- Integrar a equipa (que incluiu profissionais das ciências sociais e artistas) que desenvolveu o processo de mapeamento do Vale da Arregaça (Coimbra);
- Contribuir para a valorização da importância da intervenção artística no desenvolvimento das comunidades urbanas, convocando agentes da sociedade civil, poder local, artistas e academia para esta intervenção
- Investigar e aprender através da relação direta entre a formação académica e o desenvolvimento e implementação de projetos específicos de intervenção no território da cidade de Coimbra
- Explorar novas possibilidades para a criação de conhecimento pela ligação entre os processos de criação artística e as metodologias das ciências sociais
- Entender os processos através dos quais se pode concretizar um projeto artístico, desde a sua conceção, processo e investigação, processo de criação e sua apresentação pública

Quanto às atividades planeadas do estágio, estas remetem para a implementação avaliação de um processo colaborativo de mapeamento comunitário do Vale da Arregaça.

Através do mapeamento tivemos que identificar e contactar moradores, associações, escolas, espaços abandonados e também todo um conjunto de informação de carácter imaterial, nomeadamente histórias de vida, fotos, testemunhos, entre outros. Todo o material recolhido durante este processo de mapeamento serviu de base para a criação do espetáculo teatral ao ar livre, assim como para a organização da dramaturgia dos capítulos seguintes a criar ao longo do projeto *De Portas Abertas*.

O objetivo da criação deste tipo de espetáculos é desenvolver o traço identitário no trabalho de Teatro e Comunidade. Através das tensões entre o teatro popular e erudito, o projeto de intervenção procurou contar as histórias e mostrar os aspetos invisíveis das vivências das comunidades do Vale. A progressão e aprofundamento do trabalho artístico nesta comunidade irá permitir durante o ano de 2021 aprofundar a proximidade com os residentes e as instituições no Vale da Arregaça.

6. Estado de Arte

Este estágio pretende problematizar de que forma a atividade artística com uma componente comunitária pode promover a reflexão sobre as questões sociais e culturais das comunidades do Vale da Arregaça. Para abordar esta problemática, irei debruçar-me sobre três conceitos relevantes: Artivismo; Teatro ao serviço da Comunidade e Mapeamento Cultural. Estes conceitos relacionam-se com a abordagem do projeto *De Portas Abertas*, já que este implica uma relação direta com os moradores e as instituições locais. Estes agentes são parceiros na construção deste projeto de intervenção, promovendo o seu carácter ativo no processo de criação artística.

6.1. Artivismo

Toda a atividade artística resulta de um conjunto de contextos sociais e coletivos que permitem concretizar a obra artística (Sarrouy, Cibeá, & Talellis, 2020). Como toda a atividade humana, envolve um grande número de participantes que necessita de colaborar para “que a obra de arte que observamos ou escutamos [aconteça e continue] a existir” (Becker, 2010, p. 27). Daí que seja necessária uma abordagem sociológica sobre as artes, não no sentido de produzir juízos estéticos, mas sim para compreender melhor a complexidade das redes colaborativas subjacentes aos processos de criação artística.

Se tomarmos como exemplo a criação de uma peça de teatro, vemos que existe um conjunto de pessoas que são essenciais na realização do processo artístico. Cada membro da equipa tem uma tarefa a desempenhar: um/a dramaturgo/a; um grupo de atores; um/a cenógrafo/a; um/a diretor/a musical, entre outros. É necessário que todos os elementos do grupo cumpram as suas tarefas para a realização da obra de arte. Essa divisão de tarefas não é exclusiva só dos criadores do espetáculo, mas também depende de fatores exteriores que podem influenciar a criação do mesmo. Como diz Becker:

A divisão do trabalho não implica que todas as pessoas associadas à produção da obra trabalhem sob o mesmo tecto [...] Ela significa apenas

que a produção do objeto ou do espetáculo assenta no exercício de certas actividades, realizadas por determinadas pessoas no momento desejado [...] [Estas actividades artísticas] Dependem do público pelas repostas emocionais às suas obras [...] (Becker, 2010, p. 37).

No contexto teatral, podemos dizer que o público é visto como fator externo ao produto artístico porque as suas repostas emotivas influenciam a obra artística, adquirindo esta algum significado, tanto para o público, que é recetor da obra, como para os atores que a interpretam. Podemos dizer que as obras de arte não são realizadas única e exclusivamente por um indivíduo, mas são o resultado de um trabalho de vários indivíduos e grupos (incluindo o público) que, direta ou indiretamente, cooperam entre si.

A partir do Século XX, os artistas começam a estar atentos às reivindicações de diferentes setores da sociedade. A classe artística percebe que estes movimentos podem potenciar profundas transformações sociais. Estes tipos de movimentos podem provocar positivas transformações sociais, mas por outro lado pode potenciar consequências negativas (Sarrouy, Cibeia, & Talellis, 2020). O setor cultural pode utilizar a arte como forma de contestação e protesto social (Infantino, 2020). Esta instrumentalização pode ter consequências de vários tipos: político, identitário e no acesso desigual a bens materiais e simbólicos (Sarrouy, Cibeia, & Talellis, 2020). A prática artística pode assumir um formato de intervenção comunitária de carácter público ou privado, onde se implementam ações de políticas de carácter social e cultural. Muitas dessas iniciativas são realizadas em zonas de grande vulnerabilidade e fragilidade social, seja pela pobreza, desigualdade, falta de acesso a cultura ou em outras áreas da vida económica e social. Este tipo de propostas de intervenção social tem como ponto de partida das mais variadas expressões artísticas: música, dança, artes visuais, fotografia, teatro, entre outros (Infantino, 2020).

Nos anos mais recentes e com a emergência de novas inovações tecnológicas como as redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter*) multiplicaram-se as inúmeras maneiras de expressar visões do mundo e difundir pensamento crítico. Estas inovações permitem intervir e construir espaços de comunicação e de criação de opinião política. Vários projetos têm-se desenvolvido nos últimos anos com o objetivo de tentar cruzar a dimensão política com a dimensão estética e

simbólica das ações coletivas, reinventando a forma de protestar contra o poder instituído (Giovanni, 2015).

A este fenómeno de combinar o protesto social e político com a arte e a estética chama-se de Artivismo e define-se por:

[...] um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. [...] Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...]. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística [...] (Raposo, 2015, p. 5).

Através dos novos movimentos sociais, o Artivismo tem vindo a consolidar-se como método preferencial, nomeadamente no contexto do combate anticapitalista e de reivindicação social (Raposo, 2015). Este conceito evidencia o despertar de uma consciência que explora e mostra as fragilidades e os problemas das comunidades. O projeto *De Portas Abertas* é, portanto, um exemplo de Artivismo. Esta iniciativa incentiva a participação da comunidade do Vale da Arregaça na problematização e na resolução de questões sociais. O Teatrão, ao fazer um espetáculo ao ar livre, para além de mostrar a riqueza cultural do Vale, tenta também alertar para os problemas e debilidades desta zona, suas infraestruturas, habitação e o aparente sentimento de abandono por parte das instituições locais.

Os velhos movimentos sociais configuram-se de uma forma mais convencional, sendo veiculados por instituições partidárias ou sindicais. Por outro lado, os novos movimentos sociais assumem um formato menos domesticado pelos atores ou instituições políticas, sendo movidos exclusivamente pelo sentimento de revolta (Mourão, 2015). Muitas vezes, as *performances* artísticas são um dos veículos que permite dar visibilidade as exigências e frustrações das comunidades.

O recurso a expressões simbólicas de indignação revela identidades e posturas próprias, convertendo a encenação do protesto no espaço público em instrumento político [...] Para esses é absolutamente vital a criação de uma performatividade marcante de contrapoder, por ser das poucas armas políticas disponíveis, o que exige uma muito maior

criatividade, irreverência e eficácia na comunicação de protesto adotada (Mourão, 2015, pp. 60-61).

Os novos movimentos sociais, através da criatividade humana e estética, promovem a reinvenção das formas de protesto e da ação coletiva (Giovanni, 2015). Um exemplo disso é o projeto *De Portas Abertas*, que utiliza a atividade artística e cultural como uma forma de protesto e ação coletiva, veiculando questões sociais de relevo na comunidade do Vale da Arregaça. Embora as ações artivistas possam ser vistas como efémeras, momentâneas e transitórias, é precisamente pelo seu impacto social que podem mostrar uma poderosa mensagem para aqueles que participam. Desta forma estas ações proporcionam “[...] uma capacidade comunicativa especial, com impacto crítico face a algo que se percepçiona como injustiça, desigualdade ou má opinião pública” (Mourão, 2015, p. 62).

O espaço (rua, praça, bairro) onde decorre o protesto ganha um novo significado, concedido pelas pessoas que nele participam. A produção desse mesmo espaço pode incorporar novas possibilidades políticas pela interação dos participantes, das suas aspirações, sentimentos e propósitos. Esse “espaço ocupado” mostra que a atividade artística e a prática reivindicadora se encontram intimamente relacionadas (Giovanni, 2015), ocupando um valor estético e simbólico. O projeto *De Portas Abertas*, que utiliza o Vale da Arregaça como espaço cénico, assume-se como uma intervenção artivista que pretende refletir sobre os problemas e fragilidades da zona.

6.2. Teatro ao serviço da Comunidade

O facto de o Teatrão realizar um espetáculo fora dos seus espaços habituais mostra uma tendência no teatro português, vista em anos anteriores, em fazer apresentações artísticas fora de espaços convencionais (Correia, 2003). Esses espaços e lugares tanto podem ser espaços de lazer, parques públicos, escolas, associações, bairros e lugares históricos. Este tipo de espetáculos inclui fazer atuações ao ar livre, experimentações com a cultura local, exploração de lugares históricos e zonas urbanas pouco conhecidas (Correia, 2003). Apesar

destas formas de intervenção, grande parte das apresentações são realizadas em espaços culturais convencionais, originando uma tensão entre o teatro erudito e o popular e uma diferenciação de públicos. Esta dicotomia tem as suas raízes no séc. XIX, no contexto das revoluções liberais e do triunfo da burguesia, em que a construção de teatros era um símbolo de afirmação política da elite cultural (Almeida, 2012). A existência de atividades artísticas em espaços não dedicados para o efeito permite questionar as funções do espaço público e do ordenamento socio-espacial e territorial.

Muitos dos projetos que o Teatrão desenvolve tentam envolver a comunidade no processo da criação do espetáculo. A comunidade é aqui entendida como entidade, fundada por indivíduos, cujos membros assentam “nos laços de sangue, nos afetos e nos sentimentos” (Melo, 2014, p. 122). Para que uma comunidade perdure necessita de um conjunto de características partilhadas por todos de maneira que se promova um sentimento de identidade, de pertença e de ajuda-mútua entre os membros. Os problemas da conjuntura económica atual, em particular a falência do Estado de Providencia, a adoção de políticas neoliberais, a precariedade laboral e o desemprego, fazem com que o Estado não consiga proteger os seus cidadãos mais vulneráveis (Caleiras, 2015). Como consequência, os laços familiares e comunitários ganham um papel fundamental na manutenção das sociabilidades, mobilizando recursos locais entre os membros contra a precariedade, isolamento e exclusão (Melo, 2014). De facto, a comunidade serve como eixo de suporte e integração aos indivíduos mais vulneráveis, sobretudo nos momentos mais difíceis, ajudando-os a ultrapassar as dificuldades impostas (Caleiras, 2015). Ou seja, a comunidade funciona como rede de solidariedade informal contra os problemas socioeconómicos do país.

As mudanças cada vez mais aceleradas nas sociedades capitalistas exigem uma emancipação maior do indivíduo, facto este que pode entrar em conflito com as convenções sociais das comunidades (Melo, 2014). Esta tensão pode originar uma fragilização dos laços sociais entre os membros da comunidade e uma maior fragmentação dos seus gostos e interesses, podendo originar uma perda do sentimento de pertença e identidade. Este conceito de comunidade foi anteriormente abordado por Zygmunt Bauman, no contexto do seu entendimento da *Modernidade Líquida*. Segundo o sociólogo, a *Modernidade Líquida* serve de

metáfora para as sociedades atuais, cada vez mais “líquidas”, em constante mudança, transitórias, imprevisíveis e voláteis, contrapondo as “sociedades sólidas”, que assentavam numa ideia de durabilidade, estabilidade e preservação (Bauman, 2001). Neste contexto, Bauman define a comunidade desta maneira:

[...] tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir [...] “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome de paraíso perdido – mas que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (Bauman, 2003, p. 9).

A comunidade é o que garante a segurança, proteção e identidade entre os seus membros. Por um lado, este conceito de comunidade leva-nos a abdicar da nossa liberdade individual. Por outro, o indivíduo continua a necessitar de processos de emancipação social face à comunidade. Estas dinâmicas mostram uma dicotomia entre segurança e liberdade. Assim sendo, segundo Bauman:

Há um preço a pagar pelo privilégio “viver em comunidade” [...] o preço é pago em forma de liberdade, também chamada de “autonomia”, “direito à auto-afirmação” e “à identidade” [...] Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito [...] (Bauman, 2003, p. 10).

Esta tensão entre segurança e liberdade individual é uma das consequências da *Modernidade Líquida* (Bauman, 2001). Este processo de emancipação pode gerar uma perda sentimento de identidade entre os membros da comunidade e o próprio espaço onde esta habita. Projetos artístico de índole comunitária como é o caso do projeto *De Portas Abertas* podem reinventar o sentido da comunidade através de iniciativas de intervenção cultural.

Para entender melhor a razão pela qual o teatro pode ter esta componente interventiva, precisamos de entender melhor o teatro como instrumento de intervenção social. Esta abordagem remonta aos finais do séc. XIX, embora em meados do séc. XX é que começou a ganhar relevo, através dos trabalhos de Erwin Piscator (Carvalho, 2004). Erwin Piscator foi um dos percursos na atribuição de um contexto sociopolítico á arte teatral. Para este autor, a ação sociocultural de intervenção social não deveria estar separada da expressão artística (Piscator,

1968). A atividade artística tem uma função educativa na relação com as questões sociais, económicas e políticas. É a partir deste autor, foram surgindo projetos artísticos em contexto comunitário. Segundo Cláudia Carvalho:

É a partir da sua concepção revolucionária de um espaço teatral de comunicação, espacial e socialmente integrante do individuo-actor-artista, que é sugerida a importância do facto artístico na sua função de instrumento de democratização do espaço social onde se insere. [...] em que os actores sociais locais são os principais intervenientes nas actividades de animação cultural (Carvalho, 2004, p. 42).

O teatro deixou de ter apenas um valor de entretenimento para o espectador, mas passou também a incluir uma componente de reflexão social e política. Passou a incentivar o público à “reflexão e à discussão sobre os problemas que [o rodeiam] e à consequente expressão dos seus descontentamentos” (Carvalho, 2004, p. 41).

Esta função da atividade teatral entra numa fase de maturação nas décadas de 60 e 70 do séc. XX, através dos trabalhos de Augusto Boal, fundador do *Teatro do Oprimido* (Boal, 1991). Para Boal, ser espectador implicava necessariamente uma postura ativa no espetáculo (Melo, 2014). Este autor defendeu uma nova relação entre o público e o teatro. O espectador passa a ter um papel central na cena teatral, pondo em causa o seu papel tradicional. Augusto Boal, mostra que o espectador não devia apenas pensar sobre os problemas da sociedade, mas também devia atuar, debater e propor soluções para os problemas das comunidades (Melo, 2014). Tal é também o caso do projeto *De Portas Abertas*, que incentiva a população local a ter um papel ativo no espetáculo, proporcionando a oportunidade aos residentes para contar a sua história e dando visibilidade aos problemas que o Vale da Arregaça atravessa.

Na minha perspetiva, a ideia de participação comunitária no contexto cultural pode ser relacionada com um dever cívico. Esta postura dos cidadãos implica uma maior envolvimento em relacionar a arte com a esfera social, aproximando-a da realidade quotidiana das pessoas e das suas vivências. Estes projetos artísticos de índole comunitária assumem cada vez mais um papel relevante, dado que se encontram numa “[...] fronteira entre as artes performativas e a intervenção social. A sua singularidade reside no facto de [acontecerem] em condições socioculturais muito particulares.” (Van Erven, E., 2001 *apud* Melo, 2014,

pp. 130-131). Cláudia Madeira (Madeira, 2016) aponta três razões para a popularidade deste tipo de espetáculos, nomeadamente:

- No campo artístico é importante investigar os tópicos do quotidiano; reconectar a Arte com as questões sociais com base numa maior ênfase na participação do público;
- No campo social, torna-se fundamental integrar os agentes sociais numa participação mais ativa na esfera pública, indo contra a tendência liberal de reduzir a arte a um mero produto de consumo;
- No campo político, surge um paradigma emergente de participação que se baseia na reinterpretação da representação democrática e na necessidade de complementá-la com a democracia participativa.

No entanto, esta autora também refere que existe alguma dificuldade em envolver a população local neste tipo de projetos. Esta dificuldade advém do facto de ninguém questionar quem participa efetivamente no projeto e os resultados dessa participação. Segundo Cláudia Madeira (*Idem*), a atividade artística tem um valor em si mesma e que não necessita de questionamento. Por outro lado, existe uma dificuldade acrescida na integração de comunidades excluídas em projetos culturais e artísticos. Esta dificuldade é justificada pelo facto destas comunidades associarem a atividade artística exclusivamente aos artistas, tendo o público apenas um papel secundário neste processo. Vários fatores explicam este papel passivo do público (Markusen & Brown, 2014):

- A evolução tecnológica e a modernização nas Artes contribuíram decisivamente para a distancia entre os artistas e o seu público;
- No setor educativo, os professores estão mais preocupados com a procura de novos talentos do que com a aprendizagem efetiva;
- Os pais subvalorizam uma carreira artística para os seus filhos;
- Existência de uma divisão entre uma arte de elite e uma arte de carácter mais popular;
- Quase inexistência de programas na comunicação social que integrem conteúdos artísticos;

- Com a industrialização das sociedades, a envolvimento dos cidadãos no processo de criação artística é limitado pelas convenções artísticas e pelos espaços físicos onde a atividade artística ocorre. A população acede à cultura, mas como participante passivo.

Perante estes indícios, é necessária uma estratégia, uma metodologia de pesquisa, investigação no terreno, documentação e avaliação da comunidade e do espaço onde se insere. Os projetos artísticos ao serviço da comunidade podem ser uma estratégia para desenvolver relações de afetividade e reciprocidade entre os membros da comunidade, promovendo a sua participação ativa.

6.3. Mapeamento Cultural

Para que a atividade cultural possa ter uma função social e comunitária, torna-se necessário elaborar um estudo sobre essa mesma comunidade. Este movimento implica um estudo sobre os seus comportamentos, valores, relações entre os membros da comunidade e suas tradições.

A identidade do lugar é construída através dos significados que as pessoas lhe atribuem, com base nas suas dimensões físicas, sociais e culturais (Cabeça, 2018). Sem essas identificações, o lugar torna-se num local desprovido de sentido, tornando-se num espaço deserto, solitário e indiferente. Ou seja, seguindo a perspetiva de Marc Augé, num *Não-lugar*. O *Não-Lugar* é um espaço que não consegue definir-se “[...] nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico.” (Augé, 2007, p. 67). É um espaço que não consegue criar significados e referências para um determinado grupo de pessoas. Face aos tempos atuais que vivemos, com a abundância de informação que recebemos e uma crescente individualização dos cidadãos, existe uma maior propensão para a criação de não-lugares e para os lugares mais antigos serem apenas “lugares de memória” (Augé, 2007).

Para impedir que esses lugares não percam os significados que tanto os caracterizam, foram criadas várias estratégias que permitem identificar e descobrir bens materiais e imateriais, baseados no conhecimento local da comunidade. Uma das estratégias que permite encontrar essas respostas é feita através do processo

de Mapeamento Cultural. O Mapeamento Cultural é um conjunto de métodos e atividades que permitem explorar, descobrir, documentar, analisar e interpretar informações relacionadas com pessoas, comunidades e lugares. Possibilita também examinar elementos e práticas associadas a essas mesmas pessoas e aos lugares onde habitam (Cook & Taylor, 2013). Estes processos de Mapeamento Cultural facilitam que a atividade cultural e artística possa contribuir para a regeneração dos espaços urbanos, revitalizando as comunidades. Em paralelo, informam o trabalho das indústrias criativas locais e podem influenciar as intervenções artísticas nos bairros sociais (Crossick & Kaszynska, 2016). O Mapeamento Cultural cria condições para a construção de uma narrativa visual sobre a identidade do lugar, através da perspectiva dos moradores e da comunidade (Cabeça, 2018).

Uma das principais características deste método é a participação ativa, através da cooperação entre a comunidade e os investigadores. Durante o processo de recolha de informação, as pessoas partilham os seus conhecimentos, ensinamentos e histórias das suas experiências de vida. Pretende-se criar uma relação com a comunidade, possibilitando uma liderança partilhada entre os membros do projeto. Ao dar voz às pessoas, permitimos que as instituições publicas as ouçam sobre a sua história e a sua cultura tornando visíveis os problemas que a comunidade atravessa (Barnes, *et al.*, 2014).

Antes de aprofundar o conceito de Mapeamento Cultural, convém salientar o que é que estamos a querer dizer quando nos referimos ao conceito de cultura. A cultura é entendida como um conceito que abraça uma grande variedade de atividades, lugares, valores e crenças que contribuem para um sentimento de identidade e de bem-estar para todos os membros da comunidade (Alzrooni, 2011). É um conjunto de hábitos e pensamentos que dá um sentido particular à existência do individuo. Não é um processo estático e linear. É dinâmico e volátil, no sentido que sofre mudanças ao longo do tempo. A cultura é um “[...] “conjunto de recursos herdados do passado”, testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança.” (Martins, 2020, p. 7). Essas mudanças podem ser processos de migração, difusão de novos traços culturais, linguagem, crenças ou tecnologia de outras culturas existentes (Cook & Taylor, 2013). Em

suma, a cultura não é um círculo fechado pois resulta de uma rede complexa de comunicação e transmissão de conhecimentos entre os diferentes povos.

Cada comunidade tem um modo bastante característico de expressar a sua identidade. Essa expressão reflete-se na organização das atividades económicas, no sistema educacional, nas práticas culturais tradicionais e nas festividades. Estes aspetos permitem que a paisagem cultural de uma determinada zona tenha uma aparência única (Cook & Taylor, 2013), demonstrando que a cultura é importante para entendermos a distribuição espacial e territorial da zona. Para além do ponto de vista geográfico, a cultura tem também uma dimensão antropológica. O relacionamento entre os membros ou com outros grupos, partilha de histórias, memórias, experiências e o sentimento de pertença evidenciam aquilo que é considerado recursos essenciais para a identidade das comunidades. A cultura reflete um modo de vida, as escolhas das pessoas e as atividades que estas praticam. Essas escolhas tanto podem ser: Artes visuais e performativas; meios de comunicação de massa como a televisão, cinema e rádio; edifícios de grande importância histórica e cultural como por exemplo os museus e bibliotecas; eventos festivos e/ou desportivos; literatura, escrita e a linguagem (Alzrooni, 2011).

O Mapeamento Cultural está a tornar-se cada vez mais aceite como uma metodologia fundamental para a identificação dos recursos materiais e imateriais. Este interesse, tanto por parte da comunidade científica como da comunidade académica, faz com que estas comunidades se tornam cada vez mais valorizadas (Cook & Taylor, 2013). Contribui também para o desenvolvimento económico que ajuda os elementos da comunidade a redescobrir as riquezas culturais dos lugares (Alzrooni, 2011) e a preservar a sua herança cultural. A própria UNESCO reconhece o Mapeamento Cultural como estratégia crucial para a preservação de bens culturais, tanto materiais como imateriais (Cook & Taylor, 2013). O Mapeamento e a herança cultural são, portanto, dois conceitos que se articulam. De acordo com a UNESCO, a herança cultural refere-se a qualquer tipo de artefactos, monumentos, estruturas arqueológicas, determinados grupos de edifícios ou lugares. Estes possuem histórica, estética, científica e antropológicamente um valor universal para a humanidade (UNESCO, 1972).

De acordo com David Throsby (Throsby, 2010), existem três tipos de recursos culturais que podem ser identificados: recursos culturais construídos, recursos culturais materiais e recursos culturais imateriais.

Recursos culturais construídos, são todo o tipo de recursos que possuem um valor arquitetónico relevante, como edifícios históricos, locais arqueológicos, monumentos, espaços ou lugares que integram um conjunto de edifícios como bairros ou centros históricos (Throsby, 2010). Alguns edifícios históricos podem estar relacionados com eventos do passado, promovendo uma ligação e um vínculo entre os membros da comunidade. Essa capacidade de os edifícios influenciarem, física e mentalmente, os moradores, cria condições para o desenvolvimento de um sentido de comunidade e para a criação de identidades (Crossick & Kaszynska, 2016). Porém, existem algumas preocupações, nomeadamente em privilegiar edifícios históricos em detrimento das construções habitacionais dos bairros. Por outro lado, as avaliações dos projetos de habitação assumem mais um foco estético e económico, negligenciando muitas vezes os problemas que a comunidade atravessa (*Idem*).

Recursos culturais materiais são todo o tipo de objetos que valorizam e representam a identidade de uma determinada comunidade. São objetos que possuem expressões físicas e/ou que detêm uma determinada função (Cook & Taylor, 2013). Podem ser objetos artísticos, artefactos, instrumentos, arquivos, literatura ou qualquer objeto que possui uma interpretação cultural significativa (Throsby, 2010). Este tipo de recursos tem a particularidade de ser geralmente pequeno, transportável e facilmente comercializável.

Os recursos culturais imateriais são expressões vivas, heranças e tradições que as pessoas, comunidades e determinados povos recebem dos seus antepassados e que são transmitidos às gerações futuras (Cook & Taylor, 2013). Estes recursos tanto podem ser organizações culturais, festivais e tradições associados a uma determinada prática cultural (Cabeça, 2018). Inclui também histórias de vida relacionadas com a comunidade, memórias, hábitos e práticas culturais herdadas pelos seus antepassados (Alzrooni, 2011). Outros exemplos são também a música, o idioma, rituais e conhecimentos tradicionais que a comunidade reconhece como importante enquanto povo (Throsby, 2010). O reconhecimento destes recursos culturais imateriais é relativamente recente. Coletar memórias,

símbolos e significados espirituais e prática cultural tem sido cada vez relevante para definir o conceito de herança (Crossick & Kaszynska, 2016). É a partir da herança cultural imaterial que o lugar consegue manter-se e desenvolver-se, através da criação e recriação das suas práticas. Através deste tipo de práticas culturais, os indivíduos permanecem ligados à história da comunidade, promovendo-se um senso de continuidade dentro da coletividade e no lugar onde habitam (Cabeça, 2018).

É essencial que estas distinções entre estes diferentes tipos de recursos culturais permitam que estes lugares e as pessoas que os habitam se tornam cada vez mais reconhecidos. As instituições locais, ao perceberem as potencialidades que as comunidades podem ter, promovem o desenvolvimento de estratégias e políticas culturais que se baseiam nas riquezas culturais da região (Buckley & Graves, 2016). A herança cultural pode ser desta forma o ponto de partida para o desenvolvimento local e para o envolvimento da comunidade. Esta mesma herança cultural, associada à articulação entre a comunidade e as autoridades locais, pode contribuir para um desenvolvimento mais sustentável (Cabeça, 2018).

A informação recolhida com base nos recursos culturais dos lugares pode estar representada através de várias formas, sendo a mais comum o uso de mapas geográficos, gráficos e base de dados. É a partir dos mapas que podemos ver as localizações, tentar identificar lugares, características físicas e/ou humanas. Muitos dos lugares possuem características únicas que os distinguem e interagem de maneira diferente para o indivíduo que vive fora do lugar e para o indivíduo que habita no lugar. Ao identificar as relações que interligam o morador com o lugar, podemos descobrir determinados fenómenos que tornam o lugar característico, identitário e singular (Cook & Taylor, 2013). Ou seja, podemos descobrir um microuniverso, com pedras basilares que regem a vida quotidiana dos habitantes.

Existem também outros métodos que vão para além da cartografia. Existem novas maneiras de interpretar os mapas, não pelas estruturas físicas, mas pelas suas subjetividades e pelas narrativas que as pessoas associam aos locais. A identidade do lugar é então construída pelos significados que as pessoas associam (Cabeça, 2018). Esta perspetiva permite não só fazer uma representação do local em si, mas também dar-lhe uma resposta emotiva. São assim concebidas visões alternativas da paisagem, com um maior foco nas práticas tradicionais, sendo dado

uma maior ênfase aos aspetos culturais, sociais, económicos, emocionais e às histórias contadas pelos elementos da comunidade (Cabeça, 2018).

Outros métodos que podem ser usados no processo de Mapeamento Cultural são os métodos qualitativos como observação, exploração do lugar e a identificação de edifícios e/ou espaços de grande importância para a comunidade. O uso de equipamentos de fotografia e filmagem mostra-se indispensável para captar imagens da vida quotidiana dos moradores, das paisagens do lugar e das práticas culturais (Cabeça, 2018). O uso da entrevista revela-se como uma estratégia importante neste contexto, principalmente se for realizada às principais personalidades da comunidade. Tem como propósito conhecer as histórias de vida dos moradores, captar histórias orais sobre o passado, sobre as ligações emocionais ao lugar e sobre as mudanças que o mesmo sofreu ao longo do tempo (Cook & Taylor, 2013).

Também é frequente o uso de métodos quantitativos como estratégia de análise estatística. A estatística permite representar visualmente toda a informação recolhida durante todo o processo. Possibilita ter uma visão geral dos recursos culturais do lugar e examinar e documentar todos os dados reunidos. Esta informação é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas e assume-se estratégica para influenciar o desenvolvimento sustentável das comunidades (Cook & Taylor, 2013).

Existem também outros métodos que recorrem ao uso das novas tecnologias, como é o caso dos mapas culturais digitais. Diferentes dos mapas em papel, os mapas digitais são dinâmicos, permitem manipular um conjunto de dados recolhidos no mapeamento e possibilitam que várias camadas sejam adicionadas no mapa (Alzrooni, 2011). Os Sistemas de Informação Geográfica são um conjunto de ferramentas informáticas que servem para gerir uma base de dados, desenvolver mapas, processamento de imagens e análise estatística (Cook & Taylor, 2013).

Apesar deste processo permitir descobrir e investigar a cultura da comunidade, é preciso ter cuidado com a exploração excessiva e quase colonial por parte da comunidade científica. Embora o Mapeamento Cultural possa causar um impacto coletivo relevante nas comunidades, também pode ter os seus aspetos

menos positivos. Um dos aspetos menos positivos refere-se à incapacidade de ouvir as comunidades. Acontece frequentemente que quem implementa os processos de Mapeamento Cultural está mais focado no sucesso do projeto e nas suas possibilidades de financiamento futuro do que em ir ao encontro das necessidades dos moradores e de outros agentes locais (Barnes, *et al.*, 2014). Em paralelo, é preciso garantir a salvaguarda dos direitos dos moradores e dos seus recursos culturais. São vários os protocolos, declarações e convenções que proclamam esses mesmos direitos, sendo a mais conhecida a convenção da UNESCO sobre a proteção da herança cultural e natural (UNESCO, 1972). Esta convenção define o que são valores universais e imateriais e apela para a identificação, proteção e difusão da herança mundial. Salienta também a salvaguarda da propriedade intelectual e cultural. É fundamental que estas orientações sejam postas em prática quando realizamos o Mapeamento Cultural para dar ênfase ao processo democrático e participativo e ao debate dos problemas, através do diálogo e do entendimento (Cook & Taylor, 2013). É importante para nós que os representantes da comunidade não entendam os investigadores de uma forma hostil, mas com cumplicidade e cooperação (Cook & Taylor, 2013). Este pilar ético é considerado pelo projeto *De Portas Abertas*, incentivando a comunidade a contar as suas histórias, respeitando as pessoas e a sua vida quotidiana e incitando a partilha de conhecimentos.

7. Metodologias

Para uma melhor compreensão das atividades realizadas neste capítulo serão apresentadas as opções metodológicas, descrevendo cada uma delas. Estas opções foram sempre acordadas durante as reuniões entre os membros do projeto, sendo discutidas e avaliadas em conjunto. As atividades estão divididas por fases, que foram executadas à medida que fomos avançando com o projeto. Importa também referir que as tarefas que vão ser descritas não são apresentadas numa ordem cronológica. Foi construído conjuntamente um cronograma destas atividades. O objetivo foi organizar e estabelecer prazos, de maneira a que o nosso trabalho ficasse mais estruturado. Embora o cronograma indicasse o final do projeto à data do espetáculo (junho de 2020), a nossa atividade de estágio prolongou-se até dia 27 de março. Importa ainda referir que algumas das atividades foram realizadas após a conclusão do estágio. A data do espetáculo foi alterada para o dia 11 de setembro e o nosso trabalho foi concluído no dia 30 de junho, uma vez que este foi interrompido devido à pandemia Covid-19.

Estas tarefas foram realizadas mediante a disponibilidade dos membros do projeto, nomeadamente da minha coordenadora e dos meus colegas estagiários. Todas as atividades diárias que fomos realizando foram anotadas no meu diário de campo. Este instrumento de trabalho foi crucial durante o meu estágio e na redação deste relatório. Neste diário de campo documentei todas as atividades diárias nas quais fomos participando e alguma informação sobre os processos de trabalho.

De seguida enuncio as tarefas realizadas:

1. Pesquisa bibliográfica e documental sobre o Vale da Arregaça;
2. Observação direta do Vale e identificação dos principais lugares, espaços e ruas de grande importância simbólica e sua documentação no diário de campo;
3. Aplicação de Inquéritos aos moradores do Vale em parceria com a turma de Sociologia da Escola Secundaria Quinta das Flores;
4. Participação nas reuniões com os principais membros das organizações sediadas no Vale com registo de informação no diário de campo;

5. Realização de entrevistas semiestruturadas a algumas personalidades do Vale e recolha de informação sobre as suas histórias de vida;
6. Análise estatística dos resultados obtidos nos inquéritos e elaboração de um relatório final;
7. Análise qualitativa das entrevistas realizadas.
8. Atividades realizadas durante a pandemia.

7.1. Descrição das tarefas

7.1.1. Pesquisa bibliográfica e documental sobre o Vale da Arregaça

Tornou-se necessário elaborar uma pesquisa e leitura bibliográficas referentes a problemáticas do projeto, sua história, tradição e património. O objetivo foi ter um melhor enquadramento e assimilação dos temas, antes de passar para a próxima fase referente ao trabalho de campo. Todas as referências encontradas estiveram sob a supervisão da coordenadora, que acompanhou todo o processo. Foi feita uma pesquisa online e de seguida foram realizadas sucessivas pesquisas na Biblioteca Municipal de Coimbra e na Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Na Biblioteca Municipal, iniciamos a pesquisa na Imagoteca para tentar encontrar imagens mais antigas da zona. De seguida consultamos jornais e periódicos locais (Diário das Beiras e Diário de Coimbra) e nacionais (Público, Jornal de Notícias e Diário de Notícias), entre os anos de 2002 e 2007. Neste intervalo de tempo tiveram lugar dois acontecimentos relevantes no Vale.

A Fábrica de Porcelanas, conhecida por Sociedade de Porcelanas, onde grande parte dos operários eram residentes do Vale, fechou as portas após meses de greves dos trabalhadores pela manutenção do mesmo (Abreu, 2005). O clube de futebol União de Coimbra, clube sediado no Vale, entrou num período de crise que mais tarde levaria a um processo de insolvência (Fonseca, 2007).

De seguida, realizámos uma pesquisa documental em livros e documentos históricos, preservados no arquivo histórico da Biblioteca Municipal. Um dos livros

que encontramos foi o livro sobre a história do União de Coimbra, desde a fundação até aos dias de hoje (Ramos, Santos, & Carvalho, 2003). De realçar também a carta de expropriação, datada do Século XIX, de uma das Quintas do Vale para a construção do caminho de ferro, hoje inativo (Seabra, 1890). Por último, interessa referir um livro sobre as tradições de Coimbra, onde o Vale da Arregaça tinha uma importância académica que hoje já não verifica (Sá, 1942). A pesquisa documental realizada foi fundamental para fornecer um contexto histórico e social para a construção do espetáculo.

7.1.2. Observação Direta do Vale

Esta estratégia incluiu uma primeira visita ao Vale para identificar os lugares mais relevantes. Esta abordagem foi decidida numa reunião com a coordenadora do projeto, onde foram partilhados mapas com o trajeto a seguir no contexto do trabalho de observação direta. O objetivo foi tomar contacto com o Vale e descobrir alguns dos seus aspetos característicos. Neste trajeto conseguimos identificar as principais ruas e os principais lugares de importância. Durante o percurso, fotografámos alguns locais de relevo. Esta recolha contribuiu para a definição do trajeto do espetáculo de rua. Com base na informação dada pela coordenadora artística do projeto, o nosso percurso de observação direta foi o seguinte: Rua Verde Pinho, Rua das Fogueiras, Rua dos Manjericos, Rua Fonte do Castanheiro. A Rua Fonte do Castanheiro atravessa todo o vale onde identificamos alguns lugares de interesse entre elas: Edifícios Fonte do Castanheiro, Clube de ténis de Coimbra, Quinta Fonte do Castanheiro, Quinta do Junqueiro, Jardim de Infância d'A Providência Portuguesa, Quinta da Saudade. No final da Rua Fonte do Castanheiro, deparámo-nos com a Travessa das Fonsecaas e com a Rua Sanches da Gama. Nestas duas ruas identificamos com a Escolinha Encantada e o Campo da Arregaça, casa do Clube União de Coimbra/União 1919. De seguida, o trajeto levou-nos à linha do comboio Ramal da Lousã, encerrada em 2010. Por fim, chegámos ao final do nosso trajeto: a Antiga Sociedade de Porcelanas. Durante este percurso foi recolhida no Diário de Campo, informação complementar sobre os espaços e locais deste trajeto.

7.1.3. Aplicação de Inquéritos aos Moradores do Vale

Depois de termos realizado a observação direta, iniciámos o primeiro contacto direto com os moradores do Vale. Este contacto foi realizado através da aplicação de um inquérito aos habitantes, processo este que veio complementar o Mapeamento Cultural do Vale da Arregaça. O inquérito teve em conta as orientações da coordenadora e o principal objetivo que foi identificar o capital cultural dos moradores. Este capital cultural concretizou-se de várias maneiras: recolha de informação sobre as tradições do Vale da Arregaça, inventariação do património material e disseminação do projeto de intervenção artística pelos moradores. A construção do inquérito foi da minha responsabilidade e do meu colega de estágio. Após algumas correções por parte da nossa orientadora, a estrutura do inquérito foi aprovada. Há que realçar que as perguntas foram construídas com base nas orientações da coordenadora, nomeadamente nos hábitos e gostos culturais dos moradores do Vale e nas tradições culturais e religiosas. Quem participou nesta fase do processo de mapeamento fui eu próprio, o meu colega de estágio, João Catulo e a Sofia Coelho, estagiária do Teatrão.

A aplicação do inquérito durou quase todo o período de estágio. A razão pela qual isto aconteceu foi porque queríamos ter uma amostra significativa da população para efetuar a nossa análise e estudar devidamente todas as características da população do Vale. A desconfiança dos moradores foi a primeira dificuldade que enfrentámos durante o período da aplicação do inquérito. Foi depois na primeira reunião com o presidente da Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro que solicitámos a sua ajuda para fazer uma visita guiada pelo Bairro. Fomos então conhecer o Bairro, os seus lugares e os seus residentes. Com estas primeiras interações no Bairro Social conseguimos ter algum sucesso e aceitação por parte dos moradores. Outra dificuldade que tivemos foi a indiferença e o desinteresse de alguns dos inquiridos. Alguns destes não se mostraram cooperantes em participar no inquérito nem interessados no projeto. O último obstáculo foi o facto de o contacto com alguns moradores ter sido dificultado dado que muitos deles eram trabalhadores e/ou estudantes e não se encontravam na sua residência. Tivemos que aplicar o inquérito em horários distintos de forma a

conseguir encontrá-los em casa. Durante o horário da manhã, infelizmente, tivemos pouco sucesso. Alguns dos moradores que contactámos recusaram-se a responder ao inquérito sobre pretexto de estarem atrasados para o emprego, apresentando até alguma desconfiança em relação ao nosso trabalho. Na hora de almoço tivemos algum sucesso, sobretudo no Edifício União, onde conseguimos aplicar o inquérito em algum dos inquilinos. Durante o horário da tarde foi onde nós conseguimos ter maior sucesso na aplicação do inquérito. Os residentes inicialmente ficavam desconfiadas sobre as nossas intenções, pelo que tivemos de explicar as circunstâncias do nosso trabalho. Infelizmente não podemos dizer o mesmo sobre o horário noturno. Neste horário, tentamos aplicar o inquérito, mais especificamente nos prédios da Quinta da Estrela, mas tivemos pouco sucesso. Embora tenhamos conseguidos aplicar alguns dos inquéritos, o número dos inquéritos aplicados não foi suficiente para que este horário fosse repetido com frequência.

Mas também existem aspetos positivos a acrescentar a esta experiência. Tivemos a oportunidade de falar com alguns dos moradores sobre as suas vivências quotidianas quando eram mais jovens, sobretudo sobre as tradições e as festividades que eram realizadas no Vale. Estes residentes também expressaram o seu descontentamento com os problemas e as fragilidades sociais e culturais. Estas fragilidades dizem respeito ao sentimento de isolamento e abandono, sobretudo em relação aos moradores mais velhos.

Ao mesmo tempo que aplicávamos o inquérito, a coordenadora do projeto decidiu contactar a professora responsável pela turma de Sociologia da Escola Secundária Quinta das Flores, para que os seus alunos participassem no projeto. O objetivo seria que os alunos tivessem aulas mais práticas sobre a aplicação de inquéritos. Por outro lado, o objetivo seria também entender a importância do sociólogo na sociedade, nomeadamente no tratamento de problemas que afetam diretamente a vida das populações.

Depois de realizado o primeiro contacto com a professora responsável pela turma, que mostrou logo interesse na nossa iniciativa, foram marcadas quatro aulas com os alunos para partilhar com os alunos do secundário informação sobre a aplicação de inquéritos. Durante a primeira aula de 20 de novembro de 2019, a coordenadora do projeto apresentou o nosso trabalho à turma. Eu próprio e os meus colegas fomos responsáveis por ensinar como se aplica o inquérito e

supervisionar o desempenho e comportamento dos alunos durante o processo. De seguida foram apresentados dois exemplos do inquérito aos alunos para eles verem e estudarem a sua estrutura. No dia 11 de dezembro de 2019, foi realizada a segunda aula no terreno (Vale da Arregaça). Durante esta aula os alunos aplicaram o inquérito sob os moradores do Vale sob a nossa supervisão. Nesta experiência, estava presente também a Dr. Teresa Pechincha, funcionária da Câmara Municipal de Coimbra, na qualidade de observadora, tanto da atividade como do projeto no seu todo. O ponto de encontro foi o Edifício da EDP, situado numa das extremidades do Vale da Arregaça. Começámos por mostrar o Vale e indicar os lugares de maior relevância, nomeadamente o Bairro Social da Fonte do Castanheiro e a Fonte do Castanheiro. Depois fizemos uma paragem no Edifício União, edifício que fica em frente ao Campo de futebol da Arregaça. Foi decidido dividir a turma em dois grupos. A primeira começou a aplicar os inquéritos no Edifício União e o outro grupo seguiu o percurso pela linha de comboio, passando pela fábrica. O objetivo deste grupo foi aplicar os inquéritos nos quatro edifícios residências da Quinta da Estrela. O grupo que ficou a aplicar os inquéritos no Edifício União, depois de inquirir os moradores, fez também o mesmo percurso. No final, o ponto de encontro dos dois grupos foi os edifícios da Quinta da Estrela. A responsabilidade das tarefas foi também dividida. Eu e a Sofia Coelho (estagiária do Teatrão) ficámos com o grupo do União, enquanto o João Catulo e a Cláudia Carvalho, ficaram com o grupo da Quinta da Estrela. Começámos por dividir os alunos em subgrupos de 3 a 4 elementos cada. A Sofia Coelho supervisionou o subgrupo que ficou responsável pela aplicação dos inquéritos entre o rés-do-chão até ao 5º andar. Eu próprio fiquei responsável por supervisionar os alunos que aplicaram os inquéritos entre o 6º andar até ao último andar. Antes de começarmos, eu próprio expliquei o processo de aplicação do inquérito. Apesar do meu nervosismo, tentei explicar as coisas de maneira simples e concisa, de forma a que os alunos pudessem realizar o exercício sem quaisquer problemas. Demonstrei, a título de exemplo, a aplicação do inquérito a um dos moradores. Cada grupo tinha cerca de 3 exemplares do inquérito. Durante este processo, tentei acompanhar todos os alunos, perguntando se tinham dúvidas e se a experiência estava a correr bem. No final, os dois grupos reencontraram-se e realizámos um breve percurso pela linha de comboio, passando pela Sociedade de Porcelanas onde contámos aos alunos um pouco sobre a sua história e a sua importância para o Vale. No final

do exercício, fizemos uma avaliação sobre as dificuldades que tiveram, o que acharam e de que forma esta experiência contribuiu para a sua aprendizagem. O *feedback* dos alunos foi variado. Poucos conseguiram realizar o inquérito devido à falta de tempo. Houve moradores que não abriram a porta, seja por não estarem em casa ou por não quererem ser abordados. Aqueles que conseguiram aplicar o inquérito gostaram da experiência e pretendiam repeti-la, embora admitissem que ficaram incomodados com a necessidade de explicarem aos moradores o objetivo da tarefa que estavam a realizar.

Uma nova fase de aplicação de inquéritos concretizou-se nos dias 13 e 27 de janeiro e 5 de fevereiro de 2020. Nestes 3 dias foram aplicados inquéritos nos edifícios da Quinta da Estrela. Assim como na aula anterior, a turma foi dividida em dois grupos, um grupo para cada edifício da Quinta da Estrela. No final do exercício, uma das moradoras do prédio, que vivia no último andar, convidou-nos a para visitar o terraço do prédio. Tivemos assim a possibilidade de visualizar todo Vale da Arregaça. De seguida, voltamos a discutir com os alunos sobre a experiência e partilhámos algumas considerações finais sobre a aplicação do inquérito.

A última aula, ocorrida no dia 17 de fevereiro realizada em contexto de sala de aula, foi dedicada a apresentar aos alunos a análise estatística das respostas dos inquéritos. Nesta aula, eu e meu colega João Catulo tivemos um papel predominante. Mostramos o programa SPSS, programa de análise estatística utilizado sobretudo nas ciências sociais. Programa esse que utilizamos para estudar as respostas dos inquiridos. Explicamos de como introduzimos as respostas na base de dados e os cálculos necessários para a análise estatística. Dividindo a turma em grupos, explicámos algumas das funcionalidades do programa: como introduzir os dados obtidos nos inquéritos, criação das variáveis, representação dessas mesmas variáveis em tabelas de frequências e de tabulações cruzadas. Tentámos ser os mais claros possíveis para que os alunos pudessem compreender todas as operações de cálculo, assim como a importância do inquérito e da análise estatística para o trabalho do sociólogo. Realizámos também um exercício denominado “Carrossel”. O objetivo era dividir a turma em 7 grupos em que cada grupo tinha uma folha. Cada folha tinha uma pergunta sobre a aplicação do inquérito e sobre as metodologias da obtenção de informação sociológica. Cada grupo tinha um determinado período de tempo para responder

às questões. De seguida as folhas circulavam para o grupo seguinte para que este pudesse também a sua oportunidade de resposta. E assim sucessivamente com todos os outros grupos (para mais informações sugiro a visualização do Anexo 3 – Processo Metodológico “Carrossel”). No final do exercício, fomos ouvindo as respostas dos alunos às questões e fomos dando algumas correções.

A envolvimento da turma de Sociologia no projeto possibilitou-nos assumir uma nova responsabilidade: a de contribuir para a aprendizagem de uma turma de alunos do ensino secundário, na área das metodologias sociológicas, em particular na aplicação de inquéritos e no tratamento de dados.

7.1.4. Reuniões com os Agentes Locais

À medida que fomos aplicando o inquérito, foram também marcadas reuniões com as associações que estão sediadas no Vale. Essas reuniões tiveram o objetivo de estimular uma parceria com o projeto *De Portas Abertas* e permitiram-nos também o melhor conhecimento do Vale da Arregaça. Todas as reuniões em que participámos tiveram lugar na sede das respetivas associações. Entre setembro e dezembro de 2019 foram realizadas as seguintes reuniões:

- Reunião realizada, no dia 9 de outubro de 2019 com Fernando Coelho, à data Presidente da Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro. Esta reunião foi crucial, uma vez que contamos com a colaboração do Fernando Coelho para mediar o primeiro contacto com os moradores do Bairro.
- Reunião realizada, no dia 22 de outubro de 2019, com António Padrão, à data Presidente do Clube de Ténis de Coimbra, com Carolyn Cemlyn-Jones, à data Vice-Presidente, e com Sónia Branco, à data tesoureira.
- Reunião realizada, no dia 30 de outubro de 2019, com os sócios fundadores da Associação Artística e Cultural Salatina, Tiago Martins e João Calha.
- Reunião realizada, no dia 5 de novembro de 2019, com os representantes do Clube de Pessoal da EDP de Coimbra, Paulo Mendes Lopes, à data Presidente, e Rui Bandeirinha, Tesoureiro.
- Reunião realizada, no dia 7 de janeiro de 2020, com Cláudia Silva, à data Diretora do Jardim de Infância Escolinha Encantada.

De forma geral, as entidades mostraram-se interessadas em colaborar. Novas reuniões seriam então agendadas, desta vez com a representante do projeto, para falar em assuntos mais concretos sobre a parceria e o contributo específico de cada associação.

7.1.5. Entrevistas semiestruturadas

Uma das tarefas previstas foi também a realização de entrevistas semiestruturadas. A escolha dos entrevistados foi feita por elementos do Teatrão envolvidos no projeto *De Portas Abertas*. Os elementos do projeto que participaram nas entrevistas foram eu próprio, o João Catulo, a Sofia Coelho, a Isabel Craveiro (coordenadora artística do *De Portas Abertas*), a Sandra Pinheiro, dramaturga responsável pela escrita do texto e o Sérgio Pereira, responsável pelas filmagens. Todas as entrevistas foram gravadas e filmadas. Eu e o João Catulo realizámos a análise qualitativa deste material. Por motivos de anonimato dos entrevistados as suas identidades não são reveladas. Foram realizadas, entre janeiro e fevereiro de 2020, 9 entrevistas a um total de 15 entrevistados, dado que algumas entrevistas foram realizadas com mais do que uma pessoa. As entrevistas realizadas foram:

- Entrevista realizada, no dia 16 de novembro de 2019, a dois antigos trabalhadores da Sociedade de Porcelanas. Esta entrevista foi realizada no local da antiga fábrica. Os principais temas da entrevista foram o encerramento e as greves da fábrica, assim como o quotidiano dos trabalhadores e o ambiente de trabalho entre eles. Enquanto realizávamos a entrevista, tivemos a oportunidade de fazer uma visita guiada pela fábrica. Embora o edifício esteja em profunda degradação, foi possível visitar os espaços onde os operários trabalhavam: os escritórios da administração, o refeitório, a entrada das instalações, a creche e os alojamentos para alguns trabalhadores vindos do estrangeiro.

- Entrevista realizada, no dia 18 de dezembro de 2019, a um antigo trabalhador da fábrica e morador do Vale da Arregaça. O tema da entrevista foi sobre a sua estadia na fábrica e a sua vivência no Vale da Arregaça, (participação nas festas tradicionais e religiosas do Vale).

- Entrevista realizada, no dia 18 de dezembro de 2019, a duas moradoras do Bairro Social Fonte do Castanheiro. O tema da conversa foi sobretudo sobre a vivência no Vale ao longo do tempo.

- Entrevista realizada, no dia 11 de janeiro de 2020, a dois membros do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica e ex-trabalhadores da Fábrica de Porcelanas. A entrevista teve como foco principal a história de como ambos se tornaram operários da Sociedade de Porcelanas e a sua vivência laboral.

- Entrevista realizada, no dia 11 de janeiro de 2020, a um ex-jogador do União de Coimbra. O tema da conversa foi como se tornou adepto do União e a sua história de ligação com o clube, a rivalidade entre União de Coimbra e a Académica e as suas perspetivas de futuro em relação ao clube.

- Entrevista realizada, no dia 31 de janeiro de 2020, ao ex-treinador do União de Coimbra. A entrevista foi sobre a sua estadia como treinador do União de Coimbra assim como sobre a sua vida académica e profissional enquanto treinador de futebol.

- Entrevista realizada, no dia 31 de janeiro de 2020 a um morador do Vale da Arregaça. A conversa centrou-se em como é viver no Vale e na particularidade de ser uma zona com muitas marcas de ruralidade, apesar de estar enquadrado numa cidade.

- Entrevista realizada na sede do clube, no dia 31 de janeiro de 2020, a dois elementos do Grupo Desportivo da Arregaça. Teve como principais tópicos a origem do Grupo Desportivo, como é gerido e as atuais dificuldades que a associação enfrenta.

- Entrevista realizada, no dia 31 de janeiro de 2020 a dois elementos do União 1919 (atual nome do União de Coimbra). Teve como principal foco o União 1919, as dificuldades depois da falência do União de Coimbra e os novos desafios do clube.

Estas entrevistas foram depois transcritas e analisadas. O processo de transcrição implicou ouvir a entrevista na sua totalidade, transcrevê-la e fazer a sua respetiva análise. Esta análise será apresenta com mais detalhe mais a frente neste relatório. Para à análise das entrevistas, utilizei um programa de análise de dados qualitativos, denominada de MAXQDA. Este software permite analisar textos como

entrevistas e transcrições e dados audiovisuais como imagens, gravações e vídeos. Durante a análise demos prioridade a temas centrais para o nosso trabalho. Esta análise foi partilhada com a dramaturga Sandra Pinheiro a fim de orientar o processo de escrita do texto do espetáculo. Esta tarefa foi uma das atividades principais do Mapeamento Cultural realizado no Vale da Arregaça.

7.1.6. Atividades durante a pandemia Covid-19

Devido a pandemia de Covid-19, o Teatrão suspendeu as atividades do projeto *De Portas Abertas* a partir do dia 13 de março de 2020. Consequentemente, as atividades normais do estágio que implicavam uma presença física no local foram canceladas. Apesar deste cancelamento decidimos dar continuidade a um conjunto de atividades não presenciais.

Realizámos reuniões à distância com os membros do projeto, através das plataformas *Skype* e *Zoom*. Como resultado dessas reuniões, foi-nos pedido para fazer um relatório de análise estatística sobre os resultados que obtivemos nos inquéritos. Este relatório serviu de base para a elaboração dos resultados aqui apresentados neste relatório de estágio. Eu próprio e o João Catulo reunimos no *Skype* duas vezes por semana para analisar a base de dados e dela retirar as reflexões necessárias. Procedemos a criação de novas variáveis e gráficos a serem introduzidos no relatório estatístico. O relatório finalizado foi partilhado com a orientadora para revisão. Posteriormente, este relatório estatístico foi partilhado com o Teatrão no dia 30 de junho de 2020.

Durante o confinamento realizámos também três entrevistas: a coordenação artística do projeto, à dramaturga e ao Vereador da Habitação Social da Câmara Municipal de Coimbra. O objetivo das entrevistas foi sobretudo obter conhecimento relevante para a contextualização social e cultural do presente relatório.

Apesar de conseguirmos continuar com os trabalhos que estavam previstos antes da pandemia, nem todas as atividades foram possíveis de ser concretizadas. Uma das atividades era poder assistir aos ensaios do espetáculo, como observador. A intenção seria seguir de perto as atividades do Teatrão e do *De*

Portas Abertas, como também observar as dinâmicas e as relações entre os atores e o processo de criação do espetáculo de rua. Embora tenha surgido algumas dificuldades, nomeadamente com o facto de lidar com o stress e a ansiedade, causada pela pandemia. Apesar destas restrições conseguimos realizar as tarefas dentro dos prazos estipulados.

8. Resultados

Depois de recolhida toda a informação a partir dos inquéritos e das entrevistas procedemos a análise estatística dos resultados quantitativos e a análise qualitativa das entrevistas. Estes resultados, ao fornecerem informação sobre a caracterização social e cultural do Vale, serviram como fonte de informação para o desenho do espetáculo. Trata-se de um exemplo de como processos de Mapeamento Cultural podem contribuir para a criação de projetos artísticos e comunitários.

8.1 Análise estatística

Aqui apresento as conclusões a partir da análise estatística dos inquéritos aplicados aos residentes do Vale da Arregaça. Foram aplicados 60 inquéritos na Área Bairro Social, 69 na Área União, 43 na Área Quinta da Estrela, 25 na Área Margem do Vale e 22 na Área Fonte do Castanheiro. No total realizámos 219 inquéritos, sendo que 78 foram do sexo masculino e 141 do sexo feminino.

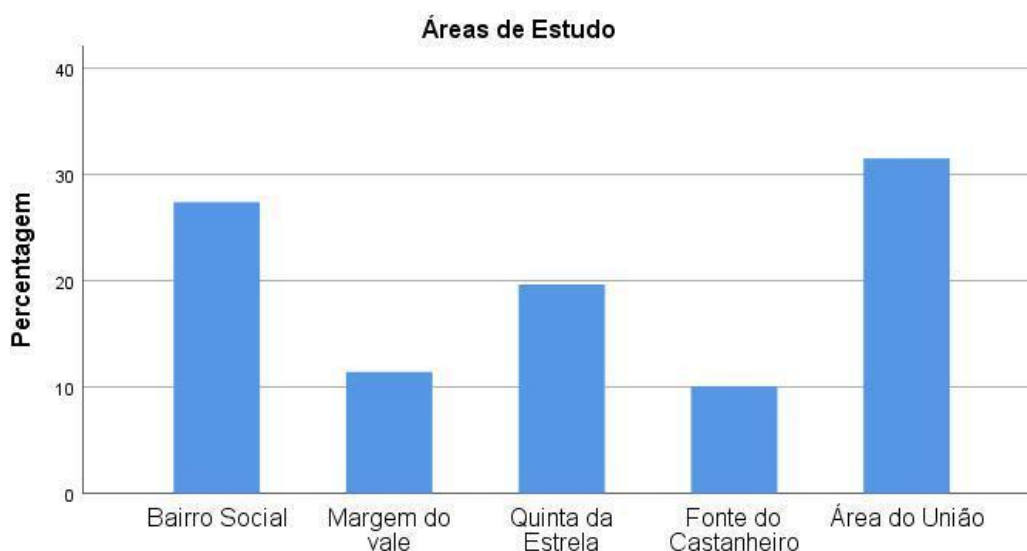


Gráfico nº 1 – Distribuição dos inquéritos aplicados pelas Áreas de Estudo

Começamos por apresentar a distribuição geográfica dos inquéritos no Vale da Arregaça. Podemos perceber, através do Gráfico nº1, que a maior concentração

da aplicação de inquéritos está localizada na Área do União (área de construção urbana mais recente), com 31,5% dos inquéritos aplicados. A área do Bairro Social (construída nos anos 40) aparece em segundo lugar, com 27,4% de inquéritos. Com uma expressão mais modesta, temos a área da Quinta da Estrela, com 19,6%, seguida pela Margem do Vale, com 11,4%. Por último, temos a área correspondente à Fonte do Castanheiro com 10%. Para melhor visualização das áreas apresentadas, sugiro a consulta do mapa em anexo (Anexo 1 – Mapa do Vale da Arregaça).

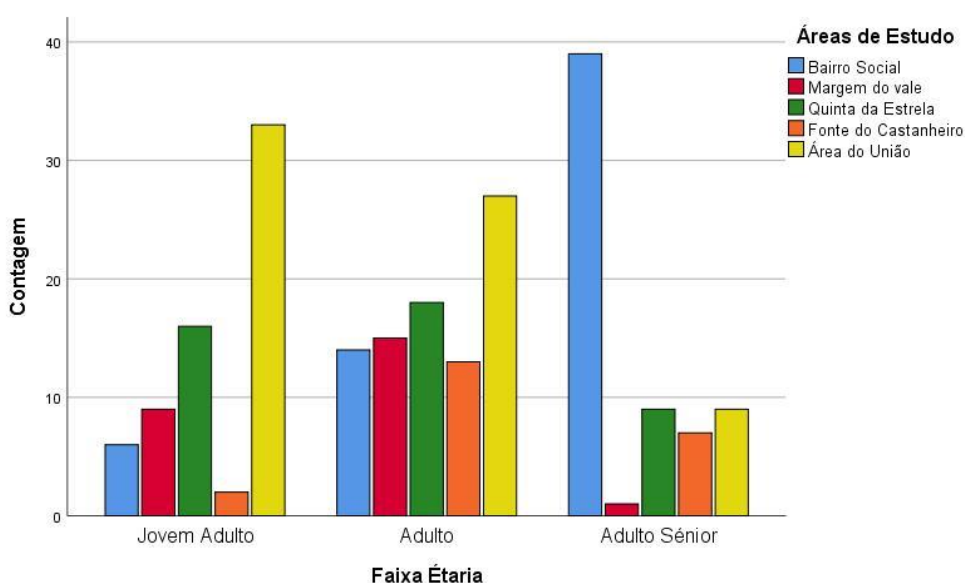


Gráfico nº 2- Cruzamento entre a Faixa Etária com as áreas de Estudo

Ao tentar perceber a razão pela qual à Área do União corresponde a maior concentração populacional, cruzámos as Áreas de Estudo com a variável Faixa Etária. Como resultado obtivemos o gráfico nº2.

Através do cruzamento das variáveis, vemos que a maior concentração de população idosa se encontra na zona do Bairro Social, sobretudo a faixa que corresponde a categoria “Adulto Sénior” (dos 61 aos 90 anos) com 39 respostas. Por outro lado, tanto na categoria “Jovem Adulto” como “Adulto”, vivem na sua maioria na área do União, num total de 33 e 27 respostas respetivamente.

Para chegar a conclusões mais precisas, decidimos também cruzar a variável da área de estudo com o tempo de vivência no Vale da Arregaça e os resultados foram reveladores.

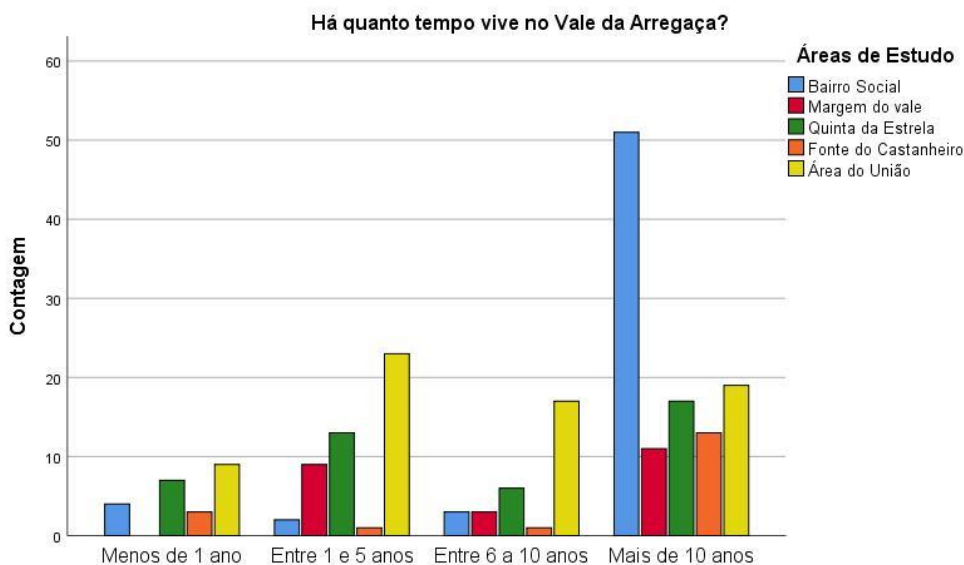


Gráfico nº 3 - Cruzamento entre as Áreas de estudo com o tempo de vivência no Vale da Arregaça

De acordo no gráfico seguinte (gráfico nº3), podemos observar que a área de estudo que corresponde ao Bairro Social engloba a população que vive no Vale há mais de 10 anos, com 51 respostas. Estes resultados justificam-se pelo facto de muitos moradores do bairro social serem filhos de antigos moradores, tal como é evidente nas entrevistas que vão ser analisadas neste relatório. Se analisarmos mais detalhadamente, vemos que os moradores da Área do União são os que vivem na zona há menos tempo, com um total de 49 respostas.

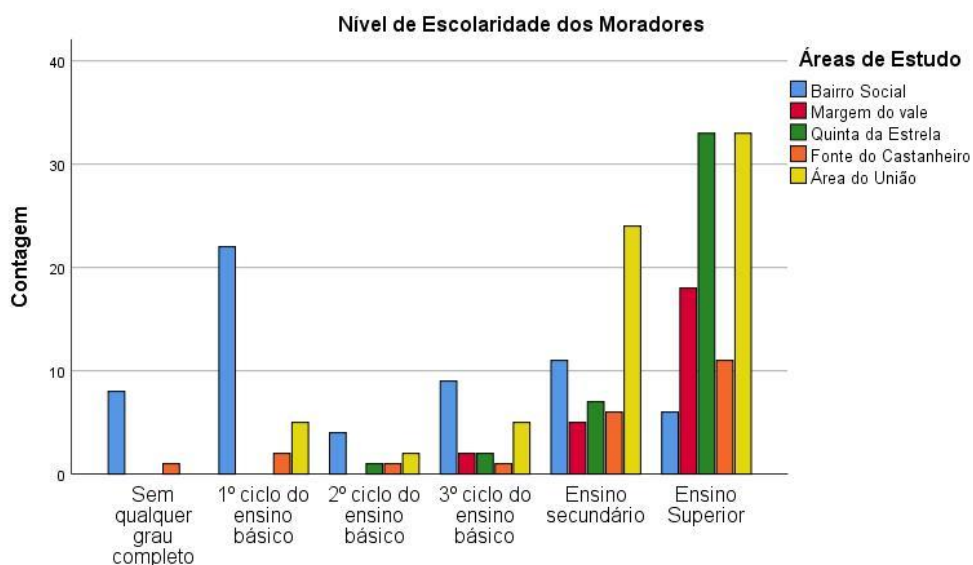


Gráfico nº 4 - Cruzamento entre o Nível de Escolaridade dos moradores com as Áreas de Estudo

Por último, tivemos também em conta o nível de escolaridade dos moradores e o seu cruzamento com a Área de estudo. De acordo com o gráfico apresentado (Gráfico nº4) vemos que a Área do União e da Quinta da Estrela apresentam uma população mais escolarizada (33 respostas no ensino superior nas Áreas do União e da Quinta da Estrela e 24 respostas no ensino secundário na Área do União) do que as restantes áreas de estudo. A área do Bairro Social possui um número mais elevado de residentes com o 1º ciclo do ensino básico ou sem qualquer grau completo.

Estes dados comprovam que existe um fosso geracional entre os antigos moradores, menos escolarizados e localizados no Bairro Social e os novos moradores, com escolaridade superior e localizados na Área do União. Estes resultados podem ter diferentes explicações. O facto da nova geração escolher viver na zona do União pode ter a ver com o facto desta área ser mais desenvolvida, ter um maior índice de urbanização e estar mais próxima dos seus locais de trabalho, estabelecimentos comerciais e de lazer. Por outro lado, esta área faz fronteira com a Rua do Brasil, com as instituições universitárias (sobretudo a do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra).

Os gráficos seguintes apresentados dizem respeito aos hábitos culturais dos moradores do Vale da Arregaça. Foi importante para o *De Portas Abertas* conhecer melhor os hábitos culturais destes habitantes. Por essa razão realizámos um conjunto de perguntas que nos permitiram dar conta dessa realidade. As categorias que acabei por apresentar foram fundamentais para a análise das questões que vão ser apresentadas.

A primeira questão (corresponde a questão 6 do inquérito dividida em 6 alíneas) foi referente à perceção que os moradores tinham sobre a existência de uma elevada oferta cultural em Coimbra.

6.1 - Existe uma elevada oferta cultural em Coimbra?

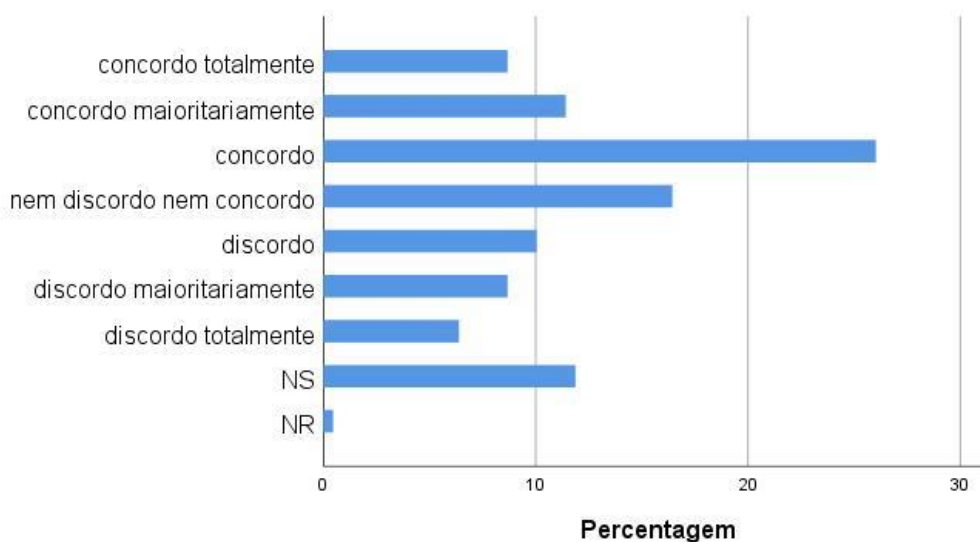


Gráfico nº 5 - Opinião dos moradores sobre se existe uma oferta cultural em Coimbra

De acordo com o gráfico nº5 apresentado, vemos que a maior parte dos inquiridos tem uma opinião positiva sobre a oferta cultural em Coimbra. A categoria mais escolhida foi “concordo”, com 26% de respostas, com uma expressão significativa na categoria “nem discordo nem concordo” com 16,4% de respostas e na categoria “Não Sabe” com 11,9%.

Sabemos que, através do variável sexo, o grau mais escolhido por inquiridos do sexo feminino foi “concordo”, com 40 respostas, sendo a segunda resposta mais escolhida “nem concordo nem discordo”, com 21 respostas. Por outro lado, o grau mais escolhido por inquiridos do sexo masculino foi “concordo” com 17 respostas, seguida de “nem concordo nem discordo” com 15 respostas. A faixa etária com mais respostas é a dos adultos (entre 36 á 60 anos), com 87 respostas, seguida da faixa dos jovens-adultos (entre 18 á 35 anos), com 66 respostas dadas. O maior número de respostas dadas pela faixa “Jovem Adulto” foi “concordo”, com 25 respostas. A faixa etária “Adulto” também teve como maior número de respostas à categoria “concordo” com 23 respostas. Na faixa “Adulto sénior” (entre os 61 á 90 anos), à categoria mais escolhida foi “Não Sabe” com 65 respostas dadas.

Os inquiridos com o ensino superior foram aqueles que mais respostas deram a esta pergunta (101 no total). A resposta mais escolhida por pessoas com

o ensino superior foi “discordo” com 26 respostas dadas. Na sua maioria, as respostas foram dadas por pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos, sendo a resposta mais popular neste grupo “Não Sabe”, com 23 respostas dadas. O maior número de respostas foi obtido na área do União, onde 69 responderam a esta questão, tendo a resposta mais popular sido “concordo”, com 19 respostas dadas.

Estes dados, apresentados no gráfico nº5, significam que, de um modo geral, os habitantes do Vale concordam com a existência de uma elevada oferta cultural em Coimbra. Observa-se também um desconhecimento sobre essa mesma oferta cultural, uma vez que a resposta “Não Sabe” foi a mais popular entre os inquiridos que vivem no Vale há mais de 10 anos.

Quanto à questão sobre se a oferta cultural da cidade está fortemente divulgada, apresento os resultados do seguinte gráfico.

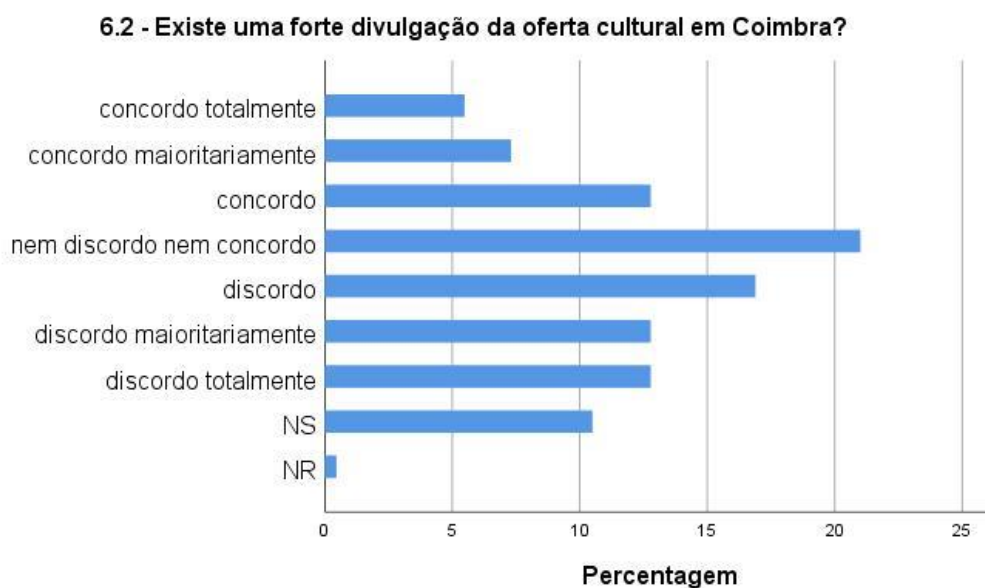


Gráfico nº 6 - Opinião dos moradores quanto à divulgação da oferta cultural em Coimbra

O gráfico nº6 mostra-nos que a maior parte dos inquiridos tem uma opinião negativa sobre a oferta cultural em Coimbra. A categoria mais escolhida foi “nem discordo nem concordo” com 21% de respostas, com uma expressão significativa na categoria “discordo” com 16,9% de respostas.

Sabemos que, através do variável sexo, o grau mais escolhido por ambos os sexos foi “nem concordo nem discordo”, com 26 respostas dadas por mulheres

e 20 respostas dadas por homens. O segundo grau mais escolhido, também por ambos os sexos foi “discordo”, com 12 respostas dadas por mulheres e 25 respostas dadas por homens.

A faixa etária com mais respostas é a dos adultos (entre 36 á 60 anos), com 87 respostas, seguida da faixa dos jovens-adultos (entre 18 á 35 anos), com 66 respostas dadas. O maior número de respostas dadas pela faixa dos adultos foi “concordo”, com 23 respostas. Na faixa dos adultos jovens, a categoria mais escolhida foi discordo com 21 respostas. Na faixa relativa ao Adulto Sénior, a categoria mais escolhida foi “Não Sabe” com 18 respostas. O ensino superior foi o grau de escolaridade que mais inquiridos completaram, com 101 inquiridos no total. A resposta mais escolhida por pessoas com o ensino superior foi “concordo” com 19 respostas dadas. Na sua maioria, as respostas foram dadas por pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos, sendo a resposta mais popular neste grupo “Não Sabe”, com 23 respostas dadas. O maior número de respostas foi obtido na área do União, onde 69 responderam a esta questão, tendo a resposta mais popular sido “concordo”, com 19 respostas dadas.

Os dados do gráfico nº6 demonstram que a maior parte das pessoas assume uma posição de indiferença face à existência de divulgação da oferta cultural em Coimbra. A resposta mais popular entre ambos os sexos foi “nem discordo nem concordo”, mostrando desde logo uma falta de concordância definitiva, o que pode querer também dizer que existe um desinteresse generalizado sobre as atividades culturais. O facto de os inquiridos com o ensino superior escolherem as categorias “discordo” e “nem discordo e nem concordo”, como suas respostas, pode querer dizer que indivíduos com instrução superior estão no geral mais atentos para a existência de atividades culturais. Tendência novamente reforçada pelo facto de a maioria das pessoas que vivem na área do União, a área com o maior número de inquiridos, terem escolhido principalmente “nem discordo nem concordo” como a sua resposta. Esta resposta revela uma falta de interesse por parte destes habitantes, uma população mais jovem e com hábitos culturais muito intermitentes.

6.3 - A oferta cultural disponível em Coimbra é baseada nas preferências das comunidades locais?

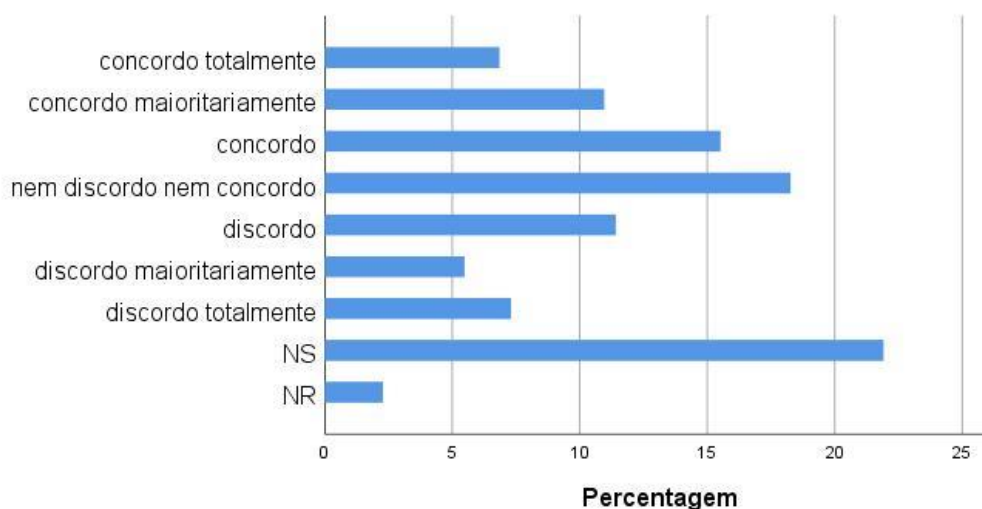


Gráfico nº 7- Opinião dos moradores sobre a oferta cultural Coimbrã é baseada nas preferências das comunidades locais.

Nesta questão, que fala sobre a oferta cultural em Coimbra e se esta é feita segundo as preferências locais, o maior número de respostas que nos foi dado foi na categoria “Não Sabe” com 21,9%, com uma expressão bastante significativa na categoria “nem discordo nem concordo” com 18,3% de respostas.

A opção mais popular entre o sexo feminino foi “Não sabe”, com 32 respostas, enquanto que a opção mais escolhida pelo sexo masculino foi “nem discordo nem concordo”, com 17 respostas. A faixa etária com o maior número de respostas foi a dos adultos (entre 36 a 60 anos), com 87 respostas totais, sendo as opções mais escolhidas por este grupo “concordo” e “concordo maioritariamente”, ambas com 16 respostas. Na faixa dos Jovens Adultos (entre 18 a 35 anos) a categoria mais escolhida foi “nem discordo nem concordo” com 20 respostas. Na faixa dos Adultos seniores (entre 61 a 90 anos) a opção mais escolhida foi o “Não Sabe” com 24 respostas. O ensino superior foi novamente o grau de escolaridade com mais inquiridos (101 no total). De entre os inquiridos com o ensino superior, houve 19 respostas dadas às categorias “nem discordo nem concordo” e 19 respostas “concordo”. Os habitantes que moram no Vale há mais de 10 anos foram o grupo de inquiridos com mais respostas (101 respostas), sendo a opção mais escolhida “Não Sabe”, com 30 respostas. A área de estudo com mais respostas foi a área do União, com 69 respostas totais, 16 delas na opção “discordo”.

Os dados do gráfico nº7 demonstram um desconhecimento por parte dos inquiridos relativamente à relação entre a oferta cultural Coimbrã e as preferências das comunidades locais. As respostas mais populares foram “Não Sabe”, vindas dos habitantes do sexo feminino e dos que vivem no Vale há mais de 10 anos. Vê-se, contudo, uma tendência maior para concordar do que para discordar. Esta tendência pode ser justificada pelas respostas dadas pela maior parte dos adultos e de inquiridos com o ensino superior, sendo a única discrepância a área do União, onde a resposta mais popular foi “discordo”.

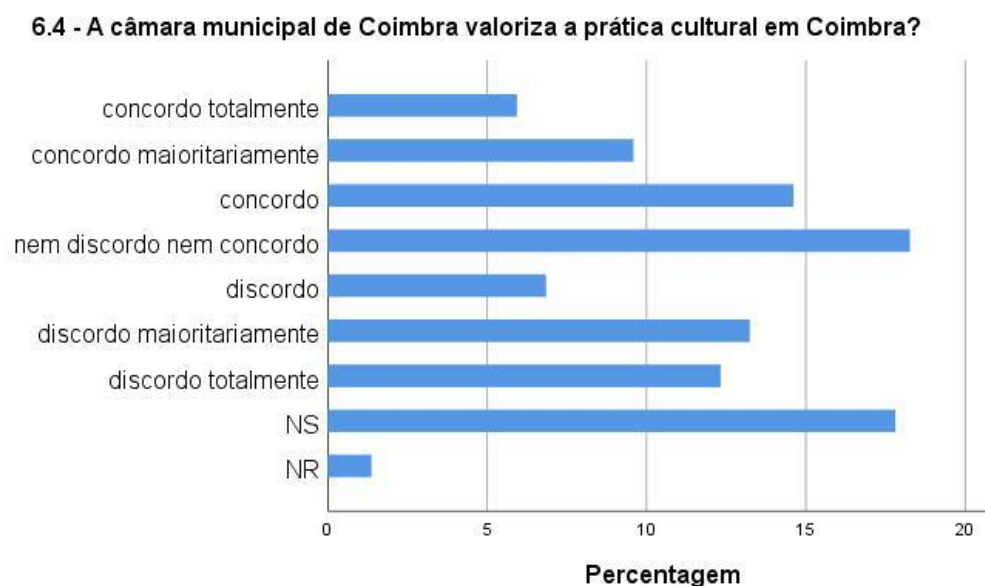


Gráfico nº 8 - Opinião dos moradores sobre se a Câmara Municipal de Coimbra valoriza a prática cultural da cidade

Na pergunta sobre a valorização da prática cultural pela Câmara Municipal de Coimbra, o maior número de respostas que nos foi dado foi na categoria “nem discordo nem concordo” com 18,3%, seguido pela categoria “Não Sabe” com 17,8%.

A opção mais popular entre os indivíduos do sexo feminino foi “nem discordo nem concordo”, com 28 respostas. Por outro lado, das 78 respostas dadas por indivíduos do sexo masculino, a opção mais escolhida foi “Não Sabe”, com 17 respostas. A faixa etária com mais respostas é a dos adultos (entre os 36 a 60 anos), com 87 respostas, sendo a opção mais popular para este grupo “nem discordo nem concordo” com 20 respostas. O mesmo acontece na faixa dos jovens adultos (entre os 18 a 35 anos) com 13 respostas. Na faixa dos adultos seniores, a

opção mais escolhida foi “Não Sabe”. O nível de escolaridade com mais inquiridos é o do ensino superior, com 101 respostas, sendo a opção mais escolhida neste grupo “nem discordo nem concordo”, com 25 respostas. Um total de 101 pessoas que responderam a esta pergunta vivem no Vale há mais de 10 anos, sendo a resposta mais popular neste grupo “Não sabe” com 25 respostas. A área com mais respostas dadas é a área do União com 69 inquéritos feitos, sendo a resposta mais dada nesta zona “nem discordo nem concordo” com 16 respostas.

Como se pode ver no gráfico nº8, estes dados apresentam respostas neutras, baseadas, talvez, na falta de conhecimento e interesse sobre o tema da prática cultural associada ao Município de Coimbra. A resposta mais popular para todos os grupos de inquiridos foi “nem discordo nem concordo”, com a exceção da resposta mais popular (“Não Sabe”) dada por indivíduos do sexo masculino e por habitantes que vivem no Vale há mais de 10 anos.

6.5 - Os residentes de Coimbra demonstram interesse em relação às atividades culturais de Coimbra?

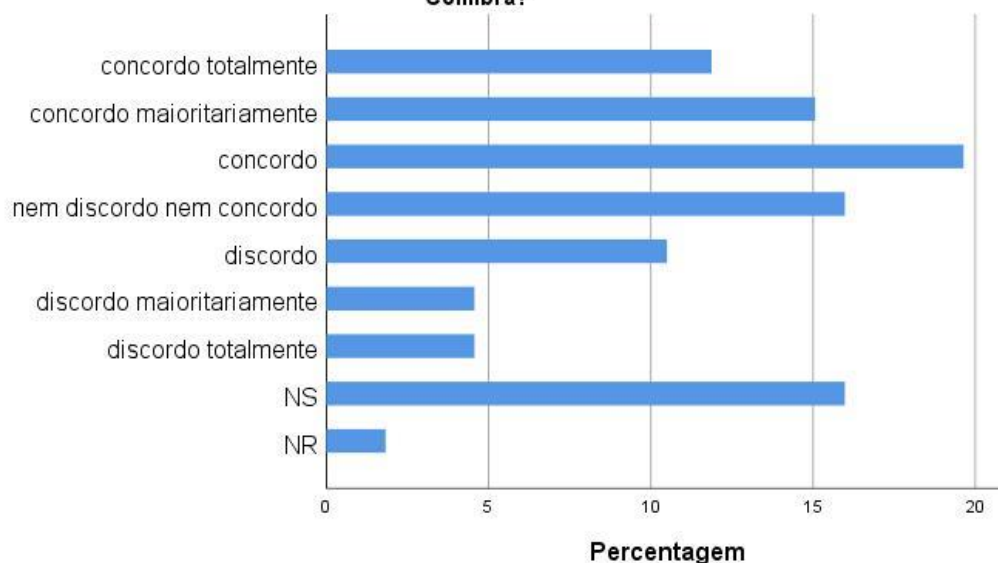


Gráfico nº 9 - Opinião dos moradores sobre o interesse do público em relação às atividades culturais de Coimbra

Na pergunta que fala sobre o interesse do público em relação às atividades culturais de Coimbra, a opção mais escolhida foi “concordo” com 19,6%, embora as opções “Não Sabe” e “nem discordo nem concordo” também se mostrem bastante expressivas, ambas com 16% de aprovação. A resposta mais popular nos indivíduos do sexo feminino foi “concordo” com 28 respostas, e nos indivíduos do sexo masculino “nem discordo nem concordo”, com 15. A faixa etária com maior

número de respostas é a dos adultos (entre os 36 a 60 anos), com 87 respostas, sendo a opção mais frequente “concordo” com 18 respostas. A faixa dos jovens adultos (entre 18 a 35 anos) teve 66 respostas, onde a categoria mais escolhida foi “concordo”. Na faixa dos adultos seniores (entre 66 a 90 anos) com 65 respostas, a opção mais selecionada foi “Não Sabe”. O ensino superior é novamente o grau com mais inquiridos (101). Destes 22 responderam “concordo”. O maior número de respostas veio de pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos. De entre estes 25 responderam “Não Sabe”. A área do União teve 69 respostas totais e 28 delas na opção “concordo”.

De um modo geral, podemos observar, de acordo com os dados do gráfico nº9, que a resposta mais escolhida foi “concordo”. Apesar disso, é importante realçar que entre os indivíduos do sexo masculino a opção mais escolhida foi “nem discordo nem concordo” e no grupo de habitantes que vivem no Vale há mais de 10 anos foi “Não Sabe”. Em modo de conclusão podemos dizer que, segundo a perspetiva destes inquiridos, existe um interesse generalizado por atividades culturais em Coimbra.

6.6 - O residentes de Coimbra demonstram interesse em participar em atividades culturais?

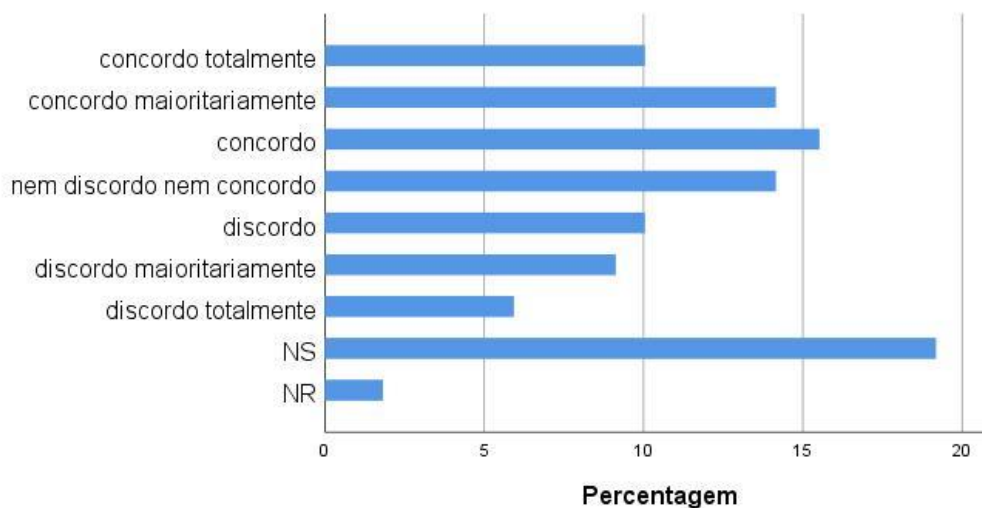


Gráfico nº 10 – Opinião dos moradores sobre o interesse dos habitantes de Coimbra em participar em atividades culturais

Quando inquiridos sobre o interesse dos habitantes de Coimbra em participar em atividades culturais, vemos que a opção que teve uma maior preponderância foi o “Não sabe” com 19,2%. Convém realçar que opções “nem

discordo nem concordo”, “concordo maioritariamente” foram também as mais escolhidas pelos inquiridos, ambas com 14,2%. Relativamente aos indivíduos do sexo feminino, a maioria das respostas foram nas categorias “concordo maioritariamente” e “Não sabe”, cada uma com 27 respostas. Nos indivíduos do sexo masculino, as respostas mais escolhidas foram “concordo totalmente”, “concordo maioritariamente” e “nem discordo nem concordo”, cada uma delas com 11 respostas. A faixa etária dos adultos (entre os 35 e os 60 anos) foi a faixa com mais respostas (87 no total), sendo a opção “discordo maioritariamente” a mais escolhida, com 16 respostas. Na faixa dos jovens adultos (entre os 18 e os 34 anos), a opção mais escolhida foi “nem discordo nem concordo” com 16 respostas. Na faixa dos adultos seniores (entre os 66 e os 90 anos) obtivemos 65 respostas, sendo a opção mais selecionada “Não Sabe”. Mais uma vez, os inquiridos com nível de formação superior são aqueles dos quais obtivemos o maior número de respostas (101 respostas). De entre estas 19 foram dadas na opção “concordo”. Das 111 pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos, 30 responderam “Não Sabe”. Dos 69 inquiridos que habitam na área do União, 18 escolheram a opção “concordo”.

As respostas fornecidas pelos dados apresentados contrastam bastante entre si. Devido à variedade de respostas dadas é difícil concluir de forma consistente se os residentes participam ativamente nas atividades culturais. Contudo, o grupo de inquiridos com o ensino superior e o grupo que vive no Vale há mais de 10 anos concordam com a pergunta do inquérito (gráfico nº10). Apesar do grupo dos adultos discordar da pergunta efetuada, a maioria dos grupos etários está em concordância com a participação ativa das atividades culturais.

7 - Considera que a informação divulgada das entidades culturais da cidade é

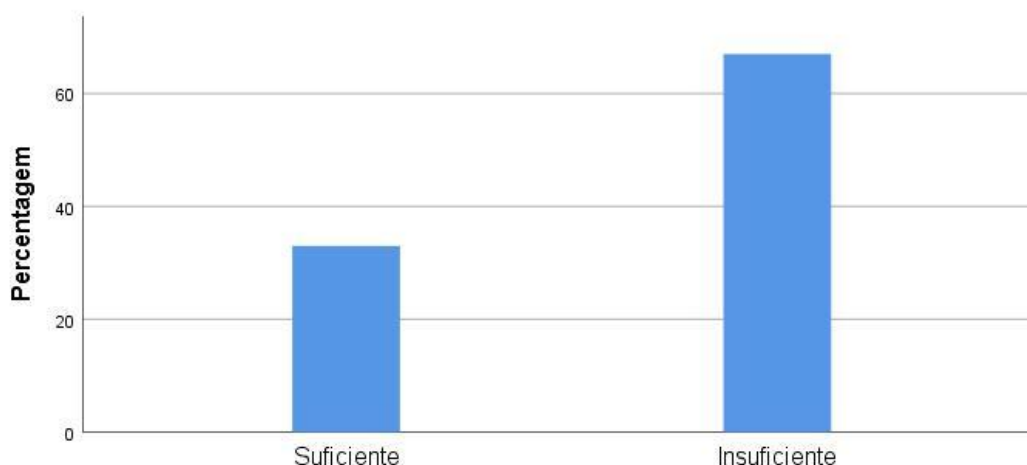


Gráfico nº 11 - Opinião dos moradores sobre a divulgação das entidades culturais da cidade

No que toca à informação disponível sobre organizações culturais, 129 inquiridos concordam que a informação que existe é insuficiente (67%), contra os 64 que acham que é suficiente (33%). A faixa etária com mais inquiridos é a dos adultos (entre os 35 e os 60 anos), com 78 inquiridos. Em contraste, a faixa etária com menos inquiridos é a dos adultos seniores (entre os 61 e os 90 anos), com 54 inquiridos. A maioria das respostas foram dadas por pessoas com um grau de ensino superior completo, 92 no total. 70 inquiridos consideram que a informação disponível é insuficiente e 22 inquiridos consideram que é suficiente. As respostas foram dadas maioritariamente por pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos. No total destas 96 pessoas, 64 consideram que a informação disponível é insuficiente e 32 acham o oposto. A área do União foi onde a maior parte das respostas foram obtidas, num total de 63 pessoas. Destas, 46 habitantes desta área responderam que a informação é suficiente, contra 17 que discordam. Das 194 respostas totais a esta questão, 130 foram dadas por indivíduos do sexo feminino, sendo que 87 consideram que a informação da divulgação sobre atividades culturais é insuficiente e 43 acham o oposto. As restantes 64 respostas foram dadas por indivíduos do sexo masculino. 43 indivíduos pensam que a informação é suficiente e 21 entendem que não.

Olhando para as respostas dadas, apresentadas pelo gráfico nº11, podemos concluir que a informação divulgada sobre atividades culturais é insuficiente, uma vez que todos os grupos a entendem como tal. Este facto pode

querer dizer que as estratégias de divulgação utilizadas pelas entidades organizadoras de atividades culturais não são adequadas a estes setores de inquiridos.

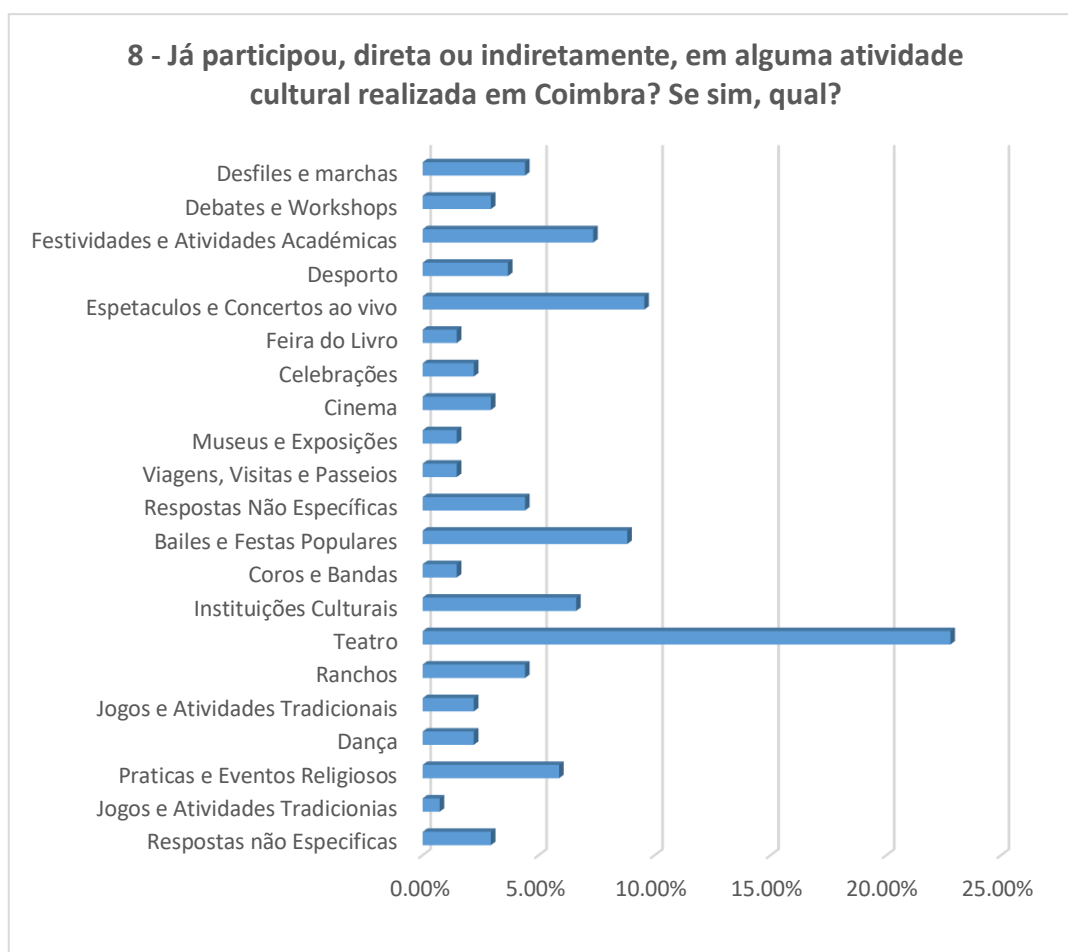


Gráfico nº 12 - Opinião dos moradores sobre a participação dos residentes em atividades culturais

A questão 8 divide-se em duas partes: participação em atividades culturais e tipo de atividade que participam. No que respeita a primeira parte da pergunta, um total de 214 inquiridos respondeu a esta questão com 116 inquiridos responderem positivamente (53%) e 98 responderem negativamente (44,7%). Quanto ao sexo, 137 dos indivíduos são do sexo feminino e 77 são do sexo masculino. Do sexo feminino temos 71 respostas positivas e 66 respostas negativas, enquanto que o sexo masculino apresenta 45 respostas positivas e 32 negativas. A faixa etária dominante é a dos adultos (entre os 36 a 60 anos). Das respostas dadas dentro desta faixa etária 46 são positivas e 38 negativas, num total de 84. A maioria dos inquiridos tem um grau de ensino superior completo (99

inquiridos). De entre estes 66 responderam de forma positiva contra os 33 que responderam negativamente. Das 109 pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos, 51 participaram em atividades culturais e 58 nunca tiveram nenhum tipo de participação. A área com mais inquiridos é a do União, com um total de 67 inquiridos aplicados. De entre estes obtivemos 36 respostas positivas e 31 respostas negativas no que respeita ao tema da participação cultural.

Passando para as atividades nas quais os inquiridos participaram, obtivemos um total de 136 inquiridos (88 do sexo feminino e 48 do sexo masculino). A resposta mais comum foi “Teatro”, com um total de 30 pessoas (22,79%) a participarem em atividades desta natureza (20 do sexo feminino e 10 do sexo masculino). A faixa etária que mais respondeu foi a dos jovens adultos (entre 18 a 35 anos) com um total de 55 respostas. Também nesta faixa etária a resposta mais comum foi “Teatro”. O ensino superior foi o grau de ensino completo mais presente neste grupo de inquiridos (78 pessoas). 20 delas escolheram a opção “Teatro”. Pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos foram quem mais respondeu a esta questão, com um total de 56 pessoas. A resposta referida um maior número de vezes foi “Teatro” com 12 respostas. A área com mais inquiridos foi a área do União com um total de 43 inquiridos. A atividade mais referida foi “Teatro” com 9 respostas.

Estes dados (gráfico nº12) mostram-nos que a maior parte dos habitantes já participou em alguma atividade cultural, com exceção dos habitantes que vivem no Vale há mais de 10 anos, cuja resposta mais popular foi “não”. É de relevar o facto de a atividade cultural com mais participantes entre todos os grupos de inquiridos foi o “Teatro”. Este dado pode querer dizer que, do ponto de vista da população inquirida, a atividade teatral é aquela que em Coimbra mobiliza mais residentes para nela participarem.

9 - Se fossem realizadas mais atividades culturais que envolvessem a participação do público, teria interesse em participar?

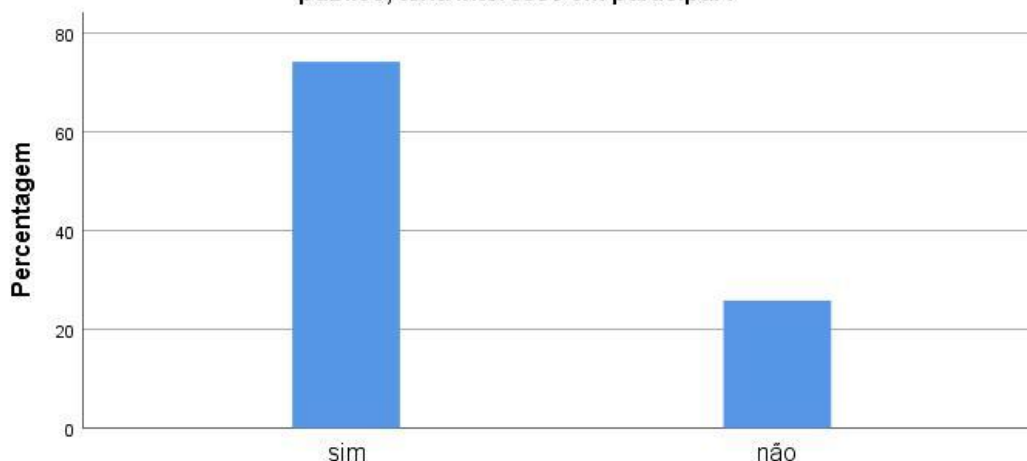


Gráfico nº 13 - Opinião dos moradores sobre se os residentes demonstram interesse nas atividades culturais da cidade

Quando é feita a pergunta sobre se teriam interesse em participar em atividades culturais realizadas em Coimbra, num total de 186 respostas, 74,2% dos inquiridos responderam que “sim” (num total de 138 inquiridos) e 25,8% responderam “não” (num total de 48 inquiridos). Desse total de 186 respostas, 68 foram dadas por indivíduos do sexo masculino (51 respostas positivas e 17 respostas negativas). As restantes 118 respostas foram dadas por indivíduos do sexo feminino (87 respostas positivas e 31 respostas negativas). A faixa etária com mais respostas é a dos adultos (entre 36 a 60 anos), com um total de 69 respostas (56 positivas e 13 negativas). O nível de escolaridade com o maior número de respostas é o ensino superior, com 81 inquiridos (66 responderam positivamente e 15 negativamente). A maior parte dos inquiridos vive no Vale há mais de 10 anos. Dos 99 respondentes nesta situação, 66 responderam positivamente e 33 responderam negativamente. A área do União, onde foi aplicado um maior número de inquéritos, teve um total de 63 respostas (46 positivas e 17 negativas).

De um modo geral, como se pode ver no gráfico nº13, a grande maioria dos inquiridos respondeu positivamente a esta questão, mostrando-se interessada em participar em atividades culturais que envolvam a participação do público.

10 - Tem conhecimento de alguma prática tradicional originária no Vale da Arregaça? Se sim, qual/quais?

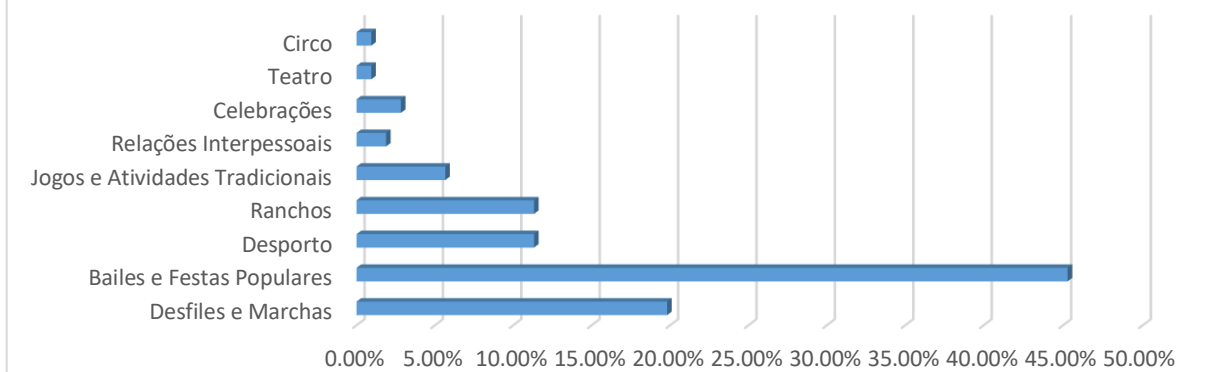


Gráfico nº 14 - Opinião dos moradores sobre as tradições do Vale

Na questão (dividida também em duas partes) sobre conhecimento de práticas tradicionais do Vale da Arregaça, tivemos um total 212 pessoas. 82 inquiridos responderam afirmativamente com 38,7% e 130 responderam negativamente com 61,3%. Quanto à categoria sexo, 137 inquiridos são do sexo feminino e 75 do sexo masculino. De entre as respostas do sexo feminino, 54 responderam que sim e 83 responderam não. Já entre os respondentes do sexo masculino, 28 responderam de forma positiva e 47 de forma negativa. A faixa etária mais presente é a dos adultos (entre 36 a 60 anos), com 81 inquiridos, (25 responderam “sim” e 56 responderam “não”). O grau de ensino mais comum entre inquiridos é o ensino superior, com um total de 99 respostas (25 positivas e 74 negativas). A maior parte dos inquiridos que responderam a esta questão vivem no Vale há mais de 10 anos, sendo que dos 109 respondentes, 62 responderam positivamente e 47 negativamente. A área de estudo com mais respostas é a do União, com um total de 67 (13 positivas e 54 negativas).

No que respeita à nomeação de tradições, a tradição mais mencionada pelos inquiridos foi “Bailes e Festas Populares” com 45,28% e uma expressão significativa na opção foi “Desfiles e Marchas” com 18,81%. Se tivermos em conta a categoria sexo, a tradição mais indicada por indivíduos do sexo feminino foi “Bailes e Festas Populares”, com 36 respostas. Já para os inquiridos do sexo masculino, a opção mais escolhida foi “Desfiles e Marchas” com 11 respostas. A maioria das tradições foi nomeada por adultos seniores (entre 61 a 90 anos). Em

40 respostas, 25 mencionaram “Bailes e Festas Populares”. As respostas foram maioritariamente dadas por pessoas reformadas, onde num total de 41 respondentes, 20 nomearam “Bailes e Festas Populares”. O ensino superior foi o grau de escolaridade completo mais comum neste grupo de inquiridos. Em 27 respostas, 11 referem-se a “Bailes e Festas Populares”. A esmagadora maioria de respostas foi dada por pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos. Num total de 84 respostas, 37 referem-se a “Bailes e Festas Populares”. A área de estudo com maior número de respostas a esta questão foi o Bairro Social onde foram aplicados 58 inquéritos. Destes, 45 mencionam a atividade “Bailes e Festas Populares”.

Estes dados, apresentados no gráfico nº14 são interessantes pois, de um modo geral, mostram a falta de conhecimento sobre as práticas culturais originárias do Vale. À exceção do grupo de inquiridos que vive no Vale há mais de 10 anos, que teve respostas maioritariamente positivas, a maioria dos inquiridos de todos os outros grupos responderam não ter conhecimento de práticas tradicionais originárias na Arregaça. Apesar disso, as práticas mencionadas em maior número foram “Bailes e Festas Populares” e “Desfiles e Marchas”.

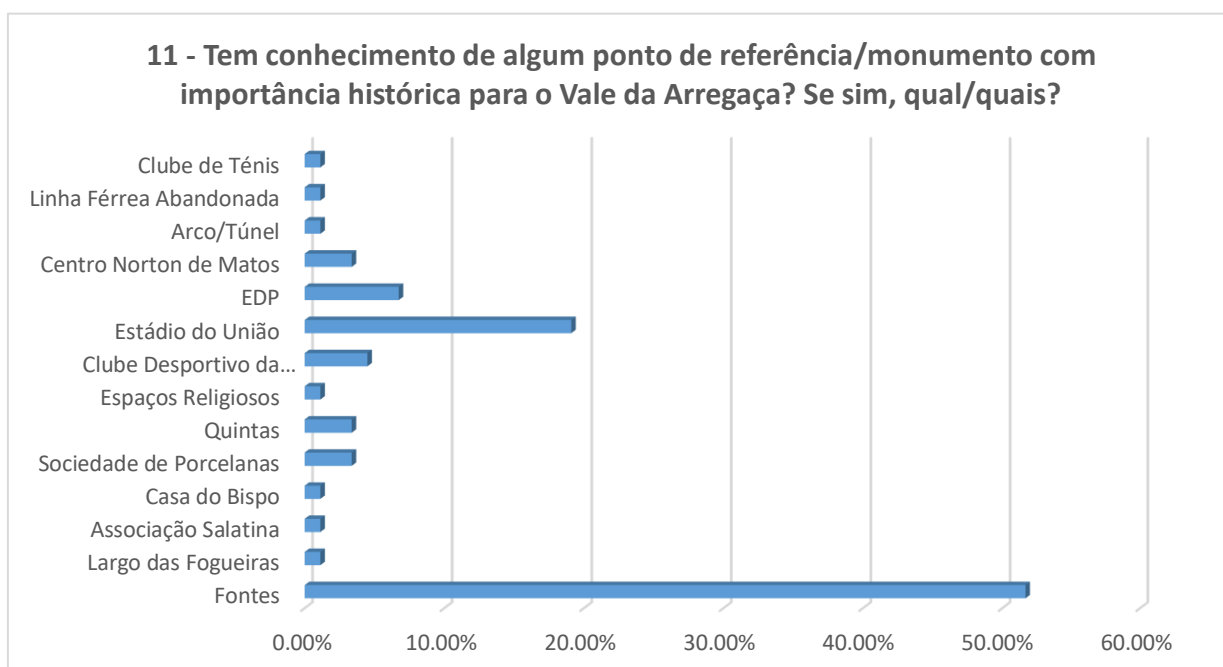


Gráfico nº 15 - Conhecimento dos moradores sobre referência ou monumento de importância histórica para o Vale

Na questão sobre conhecimento de monumentos históricos do Vale da Arregaça, tivemos um total 212 pessoas. 84 inquiridos responderam afirmativamente com 39,6% e 128 responderam negativamente com 60,4%. 137 dos inquiridos são indivíduos do sexo feminino e 75 do sexo masculino. A resposta mais escolhida para ambos os sexos foi “não”, com 85 respostas do sexo feminino e 43 do sexo masculino. A faixa etária com maior número de respostas é a dos adultos (entre 36 a 60 anos) com 83 inquiridos, onde 30 responderam positivamente e 53 responderam negativamente. O ensino superior foi a categoria com maior expressão (99 inquiridos no total), tendo 40 respondido de forma positiva e 59 de forma negativa. Das pessoas que vivem no Vale há mais de 10 anos (107 no total), 50 responderam sim e 57 responderam não. A área com maior número de respostas foi a do União com 68 respostas totais, (25 positivas e 43 negativas).

Quanto à nomeação de pontos de referência, podemos ver que a maioria dos inquiridos refere a opção “Fontes”, com 51,69%, com uma expressão significativa na opção “Estádio do União” com 19,10%. Quanto à categoria sexo, a opção mais mencionada foi “Fontes”, tanto para o sexo feminino (32 inquiridos), como para o sexo masculino (14 inquiridos). A faixa etária com maior número foi a dos adultos (entre 36 a 60 anos) onde obtivemos um total de 41 respostas. De entre essas respostas, 25 referem-se a “Fontes”. Relativo à categoria da habilitação escolar, os inquiridos com o ensino superior completo foram os que mais responderam, com 41 respostas. De entre essas respostas, 20 delas referem “Fontes”. Dos 53 inquiridos que vivem no Vale há mais de 10 anos, 36 responderam à pergunta referindo a “Fontes”.

Os dados referentes a esta questão, apresentadas no gráfico nº15, demonstram que não houve um único grupo onde a maioria das pessoas dissesse conhecer um ponto de referência histórico no Vale da Arregaça. Todos os grupos que responderam de forma positiva, na sua maioria mencionaram “Fontes” como a resposta principal.

12 - Na eventualidade de serem organizados eventos culturais no Vale da Arregaça, teria interesse em participar?

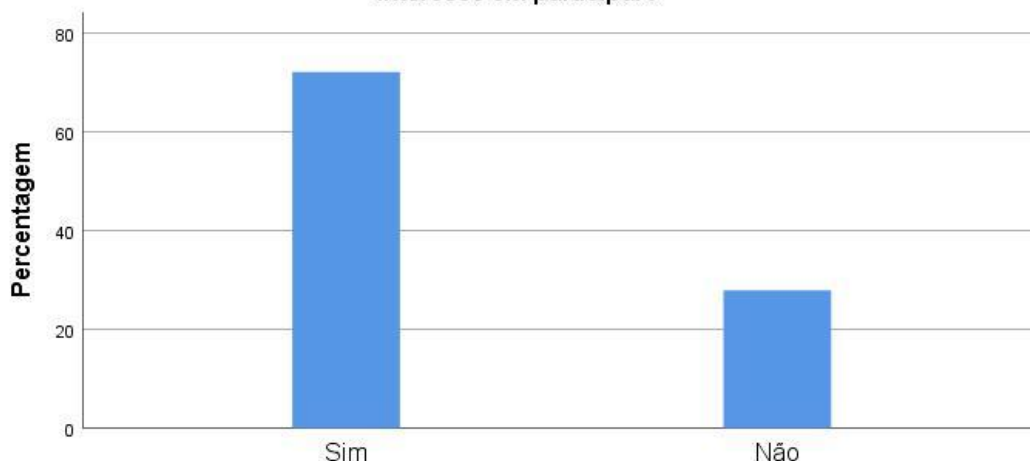


Gráfico nº 16 - Opinião dos moradores sobre se os residentes teriam interesse em participar em atividades culturais da cidade

Na questão sobre o interesse em participar em atividades culturais que se realizem no Vale, num total de 190 respostas, 72,1% dos inquiridos escolheram a opção “sim” e 27,9% escolheram a opção “não”. De entre as 190 respostas, 126 foram dadas por habitantes do sexo feminino. De entre os inquiridos femininos, 92 manifestaram interesse em participar em atividades culturais e 34 não se mostraram interessados em participar. Já os habitantes do sexo masculino, num total de 64 inquiridos, 45 manifestaram esse mesmo interesse e 19 não mostraram interesse. A faixa etária com mais inquiridos é a dos adultos (entre 36 a 60 anos), tendo um total de 77 respostas (55 responderam de forma positiva e 22 responderam de forma negativa). A maioria dos inquiridos possuem o ensino superior completo, sendo que dos 90 inquiridos, 77 responderam positivamente e 13 responderam negativamente.

Das 100 pessoas que responderam a esta pergunta, o grupo com maior número de respostas foram dos que vivem no Vale há mais de 10 anos. Neste grupo em específico, 68 responderam de forma positiva e 32 responderam de forma negativa. Uma das zonas com uma expressão significativa no que respeita ao número de respostas foi a área do União, com um total de 62 respostas (40 positivas e 22 negativas).

Os dados recolhidos nesta questão, apresentados no gráfico nº16, demonstram que a maioria das respostas foram positivas. Todos os grupos tiveram

uma maioria de pessoas com interesse em participar em eventos culturais no Vale da Arregaça, no caso de estes se realizarem. Este dado demonstra que existe uma motivação e uma vontade de participar em atividades culturais que cativem as pessoas e com as quais estas se identifiquem.

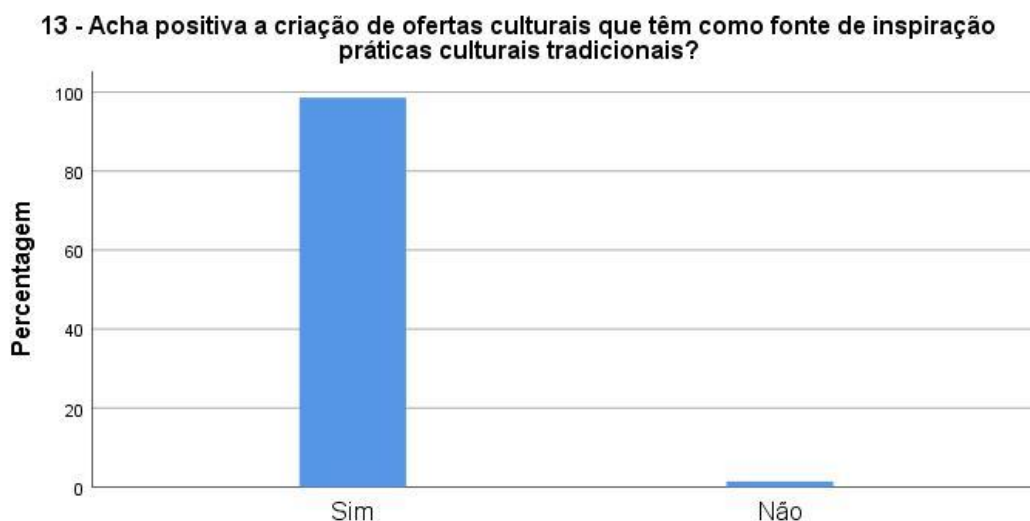


Gráfico nº 17 - Opinião dos moradores sobre se os residentes acham positiva a criação de ofertas culturais com base nas práticas culturais tradicionais

Quando questionados sobre a criação de atividades culturais que se inspirem na cultura e tradição, 212 inquiridos opinaram. 209 inquiridos escolheram a opção “sim” (98,6%) e 3 escolheram a opção “não” (1,4%). Dessas 212, 138 eram do sexo feminino, sendo que 137 disseram que a criação de atividades culturais inspiradas na tradição é algo positivo e 1 respondeu que não é algo positivo. Do sexo masculino tivemos 74 respostas, 72 positivas e 2 negativas. A faixa etária com o maior número de respostas foi a dos adultos (entre 36 a 60 anos) num total de 86 respostas (85 são positivas e 1 é negativa). O nível de escolaridade com mais respostas foi o ensino superior, que apresentou 97 respostas positivas e 1 resposta negativa, formando um total de 98 respostas. O grupo com maior número de respostas foi o dos que vivem no Vale há mais de 10 anos, com 107 respostas. sendo 106 dessas respostas foram positivas e 1 resposta foi negativa. A área com mais respostas foi a área do União. Para esta área, num total de 67 respostas, 65 responderam de forma positiva e 2 responderam de forma negativa.

As respostas dadas a esta pergunta foram esmagadoramente positivas, como se pode verificar no gráfico nº17, havendo apenas 3 inquiridos que se opõem à criação de ofertas culturais inspiradas na tradição.

14 - Teria interesse em participar na organização deste projeto do Teatrão que envolve a cultura e tradição do Vale da Arregaça?

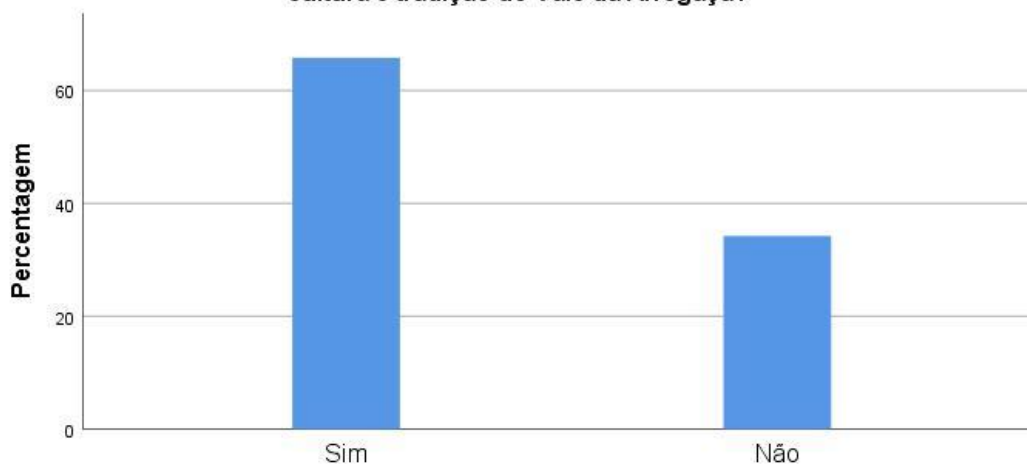


Gráfico nº 18 - Interesse dos moradores em participar no projeto

Por último, quando questionados sobre o interesse em participar neste projeto, das 190 respostas totais, 125 dos inquiridos responderam de forma positiva à questão (65,8%) e 65 responderam de forma negativa (34,2%). Quanto a variável sexo, 119 são indivíduos do sexo feminino e 71 do sexo masculino. Do total de 119, 77 indivíduos do sexo feminino responderam positivamente e 42 respondera negativamente. Já para o total de 71 indivíduos do sexo masculino, 48 responderam de forma positiva e 23 responderam de forma negativa. A faixa etária com mais inquiridos é a dos adultos (entre 36 a 60 anos). Nesta faixa etária, de um total de 77 inquiridos, 50 mostraram interessados em participar no projeto e 27 não se mostraram interessados. O grau de escolaridade com maior número de respostas foi o ensino superior, com um total de 87 respostas (66 positivas e 21 negativas). A maioria das respostas são referentes ao grupo que vive no Vale há mais de uma década, num total de 99 respostas (61 pessoas responderam positivamente e 38 responderam de forma negativa). A área com maior participação na resposta a esta questão foi a área do União, com um total de 62 respostas (33 positivas e 29 negativas).

De um modo geral, a maioria dos inquiridos tem interesse em participar no projeto *De Portas Abertas* do Teatrão, como demonstra o gráfico nº18. Todos os grupos revelam interesse em participar, apesar de alguns dos inquiridos terem apresentado preocupações no que respeita à sua disponibilidade de tempo devido às suas agendas pessoais.

8.2. Análise das Entrevistas

Nesta secção do relatório, serão analisadas as entrevistas realizadas aos principais intervenientes locais do projeto *De Portas Abertas*. Tendo em conta que muitos dos entrevistados falaram de vários assuntos, decidi agrupá-los em 3 grandes zonas de intervenção: Clube União de Coimbra/União 1919; Sociedade de Porcelanas e o Bairro Fonte do Castanheiro. Esta análise das entrevistas foi ao encontro dos objetivos da escrita do texto do espetáculo, permitindo uma colaboração próxima entre o nosso trabalho como estagiários do projeto e a dramaturga. Por outro lado, existe também uma componente sociológica subjacente a análise destes materiais. Esta análise permitiu um conhecimento mais aprofundado dos fenómenos sociais e culturais do Vale. Estas zonas de intervenção acarretam um valor simbólico e fundamental na caracterização do mesmo.

8.2.1. Clube União de Coimbra/União 1919

O Clube União de Coimbra/União 1919 foi um dos atores locais fundamentais do projeto, devido ao valor simbólico e identitário que assume no Vale da Arregaça. Para dar conta desse valor simbólico, entrevistamos três personalidades, de gerações diferentes, relativas ao clube e que nele fizeram história.

Um dos tópicos centrais foi a rivalidade entre o União e a Académica, que segundo os nossos entrevistados, era uma rivalidade entre duas facetas de Coimbra: a dos estudantes e do povo, tal como é evidenciado na citação abaixo.

Na altura havia em Coimbra 2 situações por exemplo se formos ao fado [...] fado futrica e do fado estudante [...] até a guitarra era diferente [...] mal que o rapazinho tira o 2ºano da escola comercial, era empregado de uma loja [...] o individuo que era trabalhador que vivia fato de macaco. Então havia injurias entre o fato de macaco e fato de batina [...]. Depois começa, ainda com isto nos primórdios, os jogadores do União eram jogadores também eles, jogadores contratados nas aldeias, da força e não sei que mais [...] - Entrevista nº6.

[...] quase essa divisão se calhar histórica, não é? Que... cá a Académica era dos doutores como ser muito elitista e o União era do... eles até diziam... dos bebedolas... havia essa conotação, então a Académica havia sempre um posto superior em relação ao União, mas eu acho que isso era de antigamente porque lembro perfeitamente... da minha geração que já não existia [...] – Entrevista nº5.

Esta rivalidade atinge o seu auge quando o União consegue, pela primeira vez na sua história, subir para a 1º divisão do Campeonato Nacional, onde a expressão “Vai Tudo” surgiu, e a Académica, clube que habitualmente competia na 1º Divisão, desceu para a 2º Divisão. O treinador responsável pela subida, conta como foi a sua estadia como treinador do União naquela altura.

[...] quando eu cheguei começaram a dizer “olha vem aí um preto que vai dar cabo do União” (risos) [...] mas começaram a vir vitórias [...] começaram a ver o União a subir, subir, subir e começaram perdoar tudo [...] Quando aquilo acabou, quando subimos de divisão, a académica desce, coincidência terrível [...] Foi essa a loucura e que houve noutra situação que a académica nunca perdoou, o União jogava no campo da Arregaça [...] e a Académica jogava na relva... quando se dá a transformação do União ir a 1ºdivisão [...] o União começou a jogar na relva, isto a académica nunca perdoou [...] por conseguinte, depois começou uma parte em que ao contrario do que havia, começou a ver uma ligação Académica-União... começou a ver uma certa proximidade e hoje eu direi que não há nada de rivalidade, hoje a rivalidade não existe [...] – Entrevista nº6.

O período áureo do Clube não se resumia apenas ao futebol sénior, mas também aos escalões mais jovens do Clube. Estes também deram alegrias aos adeptos do clube, como conta um antigo jogador do União de Coimbra, na secção de júnior, com quem falámos.

[...] lembro-me perfeitamente um jogo o Naval no primeiro ano de júnior que eu tive que... eu lembro-me que entrava no campo e as lagrimas corriam-me, porque era tanta gente, tanta gente, tanta gente a volta porque era o jogo que se nos ganharmos eramos campeões ou se

empatássemos ou ganharmos eram eles, era o ultimo jogo da época, ganhamos 1-0 [...] parecia que tava tudo dentro do campo, nós ganhamos aquele jogo a conta das pessoas que estavam ali a assistir, foi se calhar o jogo que mais me marcou enquanto jogador – Entrevista nº5.

Infelizmente, o União também passou por uma fase de declínio e de recessão, fazendo com que o Clube tivesse de declarar insolvência. Este facto fez com que muitos dos adeptos afastassem do Clube, perdendo este um pouco daquilo que era a sua identidade. Esta fase de declínio está bem presente nas citações abaixo transcritas.

O União começou a ficar a desaparecer numa altura em que foi convidado novamente para ir ao União [...] estou no União e aparece o empresário vindo de Tuvalu e chegou aqui e pretende comprar o clube. O União esta com uma direção com muitos problemas de várias ordens deixou-se deslumbrar pelo aquilo que o empresário dizia que ia fazer com o União [...] Os sócios do União começaram a afastar-se, os mais antigos começaram a sair e o União começa a cair e chega uma altura que é um colapso total [...] – Entrevista nº6.

[...] desde que saí do União, nunca mais tive ligação do União, acho que é um clube descaracterizado neste momento [...] Fui acompanhando porque eu, depois na altura tive essa proposta na Académica e tive no União e tive uma grave lesão e tive 8 meses fora e quando voltei, quando passei a ser sénior [...] fui convidado a sair e então nunca mais quis saber do União [...] pronto, acho também houve várias pessoas a tentar gerir o processo e acho que... perdeu-se [...] – Entrevista nº5.

Face aos problemas que marcaram o processo de insolvência, antigos adeptos e dirigentes tentaram resolver o problema e decidiram reiniciar todo o processo, dando um novo nome ao Clube: União 1919. O objetivo principal foi voltar a reerguer o Clube, começando pela restauração das suas infraestruturas e pelo investimento na formação de uma equipa sénior, conforme é possível verificar através de uma citação da entrevista nº8.

[...] o união de Coimbra passou por um processo de insolvência... e estava em risco de fechar as portas [...] entretanto um grupo de unionistas, pessoas ligadas ao união [...] sabíamos dessa situação e então antecipadamente não deixamos que o clube fechasse portas e criamos [...] um novo nome para um clube que no fundo é o mesmo que é o União de Coimbra, neste momento o novo nome do clube é o União 1919 [...] na 4º época de mandato desta direção e o ano passado arriscamos em formar uma equipa sénior [...] fizeram um brilharete no primeiro ano subiram logo de Divisão, nós começamos na 1º de Distrital e este ano estamos a disputar a Divisão de Honra [...] - Entrevista nº8.

É de relevar no contexto destas entrevistas o grande apoio da massa associativa, que foi um fator crucial na reconstrução do Clube. Este apoio é manifestamente expressado durante os jogos do clube, independentemente de estar a perder ou a ganhar. Este apoio torna-se evidente na citação seguinte em que o entrevistador se mostra entusiasmado.

[...] se estivermos a ganhar ou a perder é igual, não se calavam [...] dizem de tudo (risos) coisas que não se podem dizer e de apoio [...] Lembro-me do segundo jogo que fiz na Arregaça, perdemos e perdemos por 5-2 e quando perdemos por 5-2... saímos do campo aplaudidos... isso transmite confiança ao jogador quando andam lá dentro sabemos que para o bem e para o mal estão sempre os adeptos connosco [...] – Entrevista nº8.

Pelas citações acima apresentei torna-se evidente a importância do União 1919 para o Vale da Arregaça. Esta importância tornou-se bastante evidente no espetáculo, não só através da escrita do texto, como também da criação de cenas específicas sobre esta dinâmica desportiva do Vale.

8.1.2. Sociedade de Porcelanas

A Sociedade de Porcelanas foi outro dos atores locais fundamentais devido ao valor simbólico e industrial que esta fábrica teve na cidade e no Vale. Para evidenciar este pressuposto, entrevistámos alguns dos ex-operários da fábrica. Estas entrevistas debruçaram-se sobre o tempo de trabalho da fábrica, a tipologia de trabalho exercida os problemas experienciados, nomeadamente as greves e o encerramento da fábrica.

Um dos grandes motivos que levaram muitos dos operários a trabalhar na fábrica foi o facto de alguns dos seus familiares já terem tido a mesma experiência, tal como é evidente na citação em baixo.

[...] o meu pai já trabalhava na Porcelana e passava ali todos os dias e ele viu a jogar a bola e ele vira para Mãe “oh Alice, prepara o almoço para o teu filho que ele amanhã vai trabalhar ao pé de mim” e eu “oh pai!” e ele “não? então se te vejo a jogar a bola, então isso é que é trabalho?” e fui assim que fui para a Sociedade de Porcelanas [...] – Entrevista nº4.

Já as funções que os operários tinham na fábrica eram diversas. Uns exerciam o mesmo ofício durante toda a sua vida laboral. Outros exerciam várias atividades ao longo da sua estadia na fábrica, como é evidente nas entrevistas nº4 e nº1.

[...] as minhas funções foram sempre, naquela fábrica, foram... eu era decorador [...] é o que dá decoração ao prato, portanto o prato vinha em branco... era preto na máquina, depois ia cozer depois ia vidrar e o prato tava em branco depois vinham para a nossa mão e depois pintávamos [...] azul, verde, ouro, prata, depende [...] – Entrevista nº4.

[...] Eu trabalhei em quase todas as secções menos na pintura, tive nas pastas lá em cima, depois tive aqui no fabrico em cima, tive no forno rápido que é uma secção que está aqui ao lado, que já está desmantelada [...] fecharam os fornos e eu passei aqui para a secção de pastas. – Entrevista nº1.

Embora eles tivessem as suas ocupações, todos lembram com nostalgia e estima o antigo diretor da fábrica, conhecido pela alcunha de “Alemão”. Este diretor mudou os modos de produção da fábrica, passando a direcioná-los ao fabrico de louça para hotéis. As entrevistas nº1 e nº2 refletem o perfil deste diretor.

[...] Nós aqui, quando veio para aqui o Alemão houve uma transformação completa da porcelana, começou-se a fabricar o tipo de porcelana com uma qualidade, ou seja, uma grande resistência, que era para os hotéis [...] Esta fábrica era uma fábrica quase artesanal, era tudo feito à mão, nessa altura o Alemão quando entrou houve aqui um desenvolvimento industrial, isso houve, tivemos aqui máquinas de topo de gama a nível da porcelana, tivemos aqui máquinas capazes de fabricar cerca de vinte mil peças por dia [...] – Entrevista nº1.

[...] depois foi para lá um Alemão, e aquele Alemão começou a pôr lá tudo em ordem [...] Mudou a produção e pôs lá tudo em ordem. Se não fosse ele a fábrica tinha fechado antes do que fechou [...] - Entrevista nº2.

Infelizmente, o mesmo não se pode dizer do último diretor da fábrica, que comprou a fábrica à Vista Alegre e, conseqüentemente, gerou os primeiros receios do encerramento do edifício. Este episódio torna-se evidente em muitas dos discursos de vários entrevistados.

[...] Sobre o negócio, uma coisa a que a gente nunca teve acesso, ele comprou isto, este terreno todo que nós temos aqui [...] a história que se contava era para não haver aquela mancha na empresa a nível internacional de que a Vista Alegre tinha fechado uma empresa. Ora, ele

quando comprou a empresa era com o intuito de fazer aqui um museu da porcelana [...] – Entrevista nº1.

[...] Depois quando... este mote agarrou naquilo, acho que foi ela por ela, não sei qual foi o negócio, aquilo foi... ficaram com aquilo por favor [...] como tava no berro o metro, aquilo ia ser um espetáculo para construir qualquer coisa. A partir desse momento nos soubéssemos é que começou a temer aquilo que depois veio a acontecer mais tarde [...] – Entrevista nº4.

Foi nesta altura que começaram as greves contra o fecho da fábrica. Estas greves tiveram lugar principalmente durante o período de Natal onde os operários montaram acampamento a porta da fábrica. Durante esta fase, contaram com a ajuda de amigos, familiares e do sindicato, do qual muitos dos operários eram membros. Os entrevistados ainda recordam esta fase do acampamento, sobretudo a história do mercedes do dono da fábrica.

[...] veio um moço que era engenheiro, eles tinham lá um mercedes dentro [...] estávamos lá e virei para rapaziada que estava lá “o que é que vocês dizem? Deixa-se sair o mercedes ou não?” claro que toda a gente disse que não e o mercedes não saiu (risos) [...] – Entrevista nº4.

[...] havia lá vários policias que eram nossos amigos [...] por isso e simplesmente que nos diziam “opa eu tenho que falar assim mas por trás vocês fazem bem” disse o gajo (risos) e ficaram ali a conversar connosco sobre os problemas da empresa e a opinião deles era totalmente diferente “se fosse outro tinha-lhe dado”, havia lá policias que já nos conhecemos perfeitamente [...] o mercedes saiu com a policia também [...] - Entrevista nº4.

Embora a greve conseguisse perdurar, muitos dos operários cederam à pressão e desistiram. Muitos, em particular os trabalhadores mais jovens, entenderam a greve como algo irrelevante e a fábrica acabou mesmo por fechar. Os trabalhadores mais velhos ainda continuaram a resistir até ao fecho definitivo do edifício.

[...] passaram para Fátima porque alguns queriam mais do que o patrão queria dar. Eu recebi 3000 contos e 300 escudos e eles disseram que sabiam que eu tinha direito a mais, mas não lhe posso dar mais. E eu ponho um pé atrás e outro à frente e penso, não antes que isto feche e eu vá sem nada vou aceitar. Eles até eram boas pessoas, o que foi pena foi eles irem estragar o que estava bom [...] – Entrevista nº2.

[...] entretanto havia muitos trabalhadores começaram a rescindir... começaram a tratar da vida deles, os mais jovens e tal e depois ainda entrávamos na fábrica, os tais 20 que ficavam, não rescendiam e entrávamos na fábrica, fomos trabalhar ainda [...] - Entrevista nº4.

Mesmo depois destes anos todos, alguns recusam visitar a fábrica, alegando que esta desapareceu no dia em que foi encerrada e que aquilo que vemos não passa de um edifício vazio e abandonado. Esta citação expressa um sentimento de saudosismo em relação ao trabalho na fábrica.

[...] não me convidam ir lá para a fabrica, jurei da minha vida não ir lá [...] parece que já não vejo aquilo com a minha fábrica antiga, já não vejo [...] porque no fundo trabalhávamos, eramos bons profissionais, ótimos profissionais, tínhamos ali bons profissionais [...] – Entrevista nº4.

Esta citação mostra que, para os ex-operários, a fábrica não era apenas o seu local de trabalho. Era também local de convívio, de festas, faziam parte do seu dia-a-dia, era algo que fazia parte deles. Quando a fabrica entrou em insolvência, os operários perderam algo na vida deles, o seu trabalho e o lugar que os marcou e os foi definindo como operários da Sociedade de Porcelanas.

8.1.3. Bairro Social Fonte do Castanheiro

O Bairro Social Fonte do Castanheiro é um dos principais núcleos que caracteriza o Vale da Arregaça, de tal modo que o povoamento desta zona começou com a construção do próprio bairro, nos anos 40, quando se deu a demolição da antiga alta de Coimbra, para a construção da cidade universitária (Entrevista nº 11). Esta zona e a zona de Celas, foram os locais escolhidos para abrigar os Salatinas, moradores da Antiga Alta.

[...] é um dos bairros que foi construído nos anos 40, depois da demolição da alta para a construção da cidade universitária [...] Tem aquele legado de serem expulsos da Alta de Coimbra, que muitas vezes, a História oficial esquece, não é? Deitar abaixo de uma grande parte da Alta, expulsar pessoas e manda-las basicamente para aqui [...] – Entrevista nº11.

Esta mudança abrupta dos antigos moradores da Antiga Alta de um lugar para o outro, nos primeiros tempos de vida nestes bairros, é descrita como sendo bastante negativa para os Salatinas. Muitos destes perderam grande parte dos seus rendimentos, das suas casas e do seu espaço, criando um sentimento de frustração, injustiça e abandono, tal como é evidente nas citações a seguir apresentadas.

[...] estes bairros, eram localizados em sítios ermos, claramente, as pessoas mais velhas destes bairros falam do vazio enorme que era viver nestas zonas, onde em celas, de vez em quando aparecia gente enforcada nas árvores e o drama pessoal que esta gente transporta consigo [...] a verdade era que as pessoas sentiam expulsas do seu espaço onde tinham nascido, onde tinham vivido e isso foi extraordinariamente penoso [...] - Entrevista nº11.

[...] foi muito complicado com as pessoas virem da Alta para aqui, porque as pessoas na Alta viviam melhor do que passaram a ter aqui. Mas porquê que viviam melhor? Porque as pessoas na alta dedicavam-se a alugar quartos aos estudantes e tinham ali uma fonte de rendimento, e essa fonte de rendimento deixaram de ter ao vir para aqui [...] – Entrevista nº3.

Mas mesmo de depois terem sido expulsos de suas casas, trouxeram consigo a sua cultura, os seus modos de vida e as suas tradições, nomeadamente as fogueiras de S. João, que ainda continuam a ser praticadas pelos seus descendentes, conforme se comprova pelas seguintes entrevistas.

[...] fogueiras de S. João que em celas ainda continuam a fazer [...] tradições que vinham na velha Alta, hoje até há uma associação salatina, há um pouco a preocupação dos mais idosos, depois os filhos e os netos conseguirão de alguma forma de preservar essas tradições [...] Na fonte do castanheiro há um pouco menos, mas também há essa tradição, ela ainda subsiste, são bairros completamente diferentes de outros bairros municipais [...] estes 2 em concreto tem estas características de trazerem consigo toda uma história que a história da cidade de Coimbra [...] - Entrevista nº11.

[...] Quando era o São João muita gente ia lá e um levava isto, outro levava aquilo e assim passávamos ali a noite de São João [...] Ia lá muita gente, cabia lá muita gente [...] Os estudantes iam para cima tocar e cantar. Acabou tudo [...] – Entrevista nº2.

Esta última afirmação mostra que estas práticas culturais estão a desaparecer, juntamente com algumas questões ligadas com o bem-estar do Bairro, nomeadamente o fosso geracional que existe, expressado também por uma das moradoras do Bairro da Fonte do Castanheiro. Esta preocupação também é

partilhada pelos membros do poder local que vêm nas associações de moradores um papel fundamental na preservação das tradições locais.

Já não é como antigamente [...] A gente fala, bom dia e boa tarde, mas não há aquela ligação. A malta nova já não liga tanto aos cotas [...] Olhe os que ainda cá estão os antigos [...] Trazem o que receberam, mantêm o que receberam [...] Dos pais, dos valores, as histórias [...] – Entrevista nº3.

[...] essa é uma questão que eu tenho colocado muitas vezes [...] creio que as associações de moradores têm um papel fundamental [...] [de] preservar aquilo que são as memórias da cidade de Coimbra [...] pouco do empurrar as populações, no fundo, foi mandar os futricas, expulsos do seu próprio núcleo [...] – Entrevista nº11.

Para além da conservação do património cultural, existe também um projeto de reabilitação do bairro, cujo início está previsto para os últimos meses do ano de 2020.

[...] no caso da Arregaça, estamos a pensar que ainda conseguiremos a aproveitar algum financiamento de programas públicos [...] neste caso em concreto é deitar a abaixo e fazer de novo, seguindo o arquiteto, obviamente, seguem, respeitam o que lá estava anteriormente, integralmente, no que diz respeito os volumes, as áreas, o número de habitações [...] como é obvio, com vidros duplos, com unidade de construção [...] Essa é a grande reabilitação que vai ser feita em toda aquela zona [...] na Fonte do Castanheiro, na Arregaça, é fundamentalmente isso [...] – Entrevista nº11.

Este projeto de reabilitação em como objetivo fornecer uma nova imagem ao Bairro e voltar a recuperar alguma qualidade de vida. Um outro objetivo deste projeto de reabilitação relaciona-se com a preservação da sua história, preservando e mostrando à cidade de Coimbra uma zona urbana aparentemente esquecida.

9. Conclusão

Com este estágio curricular, realizado no Teatrão, no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, surgiu o presente relatório. O seu objetivo foi refletir sobre o projeto de intervenção artística *De Portas Abertas* e sobre a sua importância para uma zona da cidade aparentemente esquecida (Vale da Arregaça).

Ao longo deste trabalho, tanto a nível teórico (na construção deste relatório) como a nível mais prático (período de estágio) foi possível ter acesso a uma experiência enriquecedora, tanto para a minha formação académica como pessoal. A nível académico, permitiu-me pôr em prática conhecimentos assimilados ao longo do meu percurso estudantil, nomeadamente a aplicação do inquérito e a análise de entrevistas. Estas duas metodologias das ciências sociais foram cruciais para a recolha de informação que permitiu contribuir para a construção do espetáculo de intervenção comunitária em causa. A nível pessoal, o estágio possibilitou-me ter acesso a um ambiente bastante distintivo, oferecendo-me uma possibilidade de poder trabalhar com artistas ligados às artes performativas. Ao combinar duas áreas do saber, Ciências Sociais e Artes Cénicas, criaram-se condições de multidisciplinaridade entre as várias ciências. Foi assim possível desenvolver atividades relevantes, em benefício dos próprios moradores do Vale da Arregaça. Desenvolvi algumas competências sociais, nomeadamente trabalhar em equipa, assim como ter alguma noção de responsabilidade, dado que os outros colegas de equipa dependiam da minha prestação e do meu trabalho.

Quanto à experiência do estágio em si, numa fase inicial, foi marcada por uma forte timidez e adaptação ao ritmo de trabalho que O Teatrão desenvolve. Mas à medida que ia realizando o meu trabalho, consegui progredir e ganhar alguma autonomia nas atividades que foram sendo desenvolvidas. Outro fator com o qual tive que lidar foi a organização do tempo de trabalho e dos prazos de entrega das tarefas a realizar semanalmente. Como muitos dos elementos do Teatrão necessitavam dos resultados do meu trabalho atempadamente, foi bastante desafiante conseguir ir ao encontro das suas expectativas. Esta situação deveu-se aos condicionantes do trabalho de campo e à especificidade do trabalho de

Mapeamento Cultural, que implicou deslocações diárias ao terreno e uma análise minuciosa dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos.

Por último, o facto de estarmos a atravessar uma pandemia obrigou-nos a trabalhar a partir de casa, facto este que limitou a recolha de informação. Apesar de estar limitado para concluir as restantes atividades, a verdade é que a pandemia não fez com que o projeto fosse suspenso. A sua continuidade foi assegurada e a sua apresentação foi concretizada em setembro de 2020.

Quanto ao projeto em si, teve os seus pontos fracos e fortes. Os pontos fracos dizem respeito a forma como o projeto *De Portas Abertas* foi estruturado. A instituição coordenadora do projeto dedica-se a um número variado de atividades, facto este que não permite uma dedicação exclusiva a uma só função. Por esta razão, foram necessárias constantes adaptações no calendário das atividades e reformulação do cronograma, reformulações estas afetadas pela pandemia vivida. Outra questão que verifiquei foi a relativa às parcerias, nomeadamente as que eram responsáveis pelo financiamento. Do meu ponto de vista, seria expectável houvesse uma maior colaboração e uma presença mais ativa destes parceiros no projeto. Quanto aos pontos fortes, é de relevar a importância do projeto de intervenção comunitária *De Portas Abertas*, sobretudo na relação que estabelece entre as instituições culturais e as comunidades locais. Desta forma, permitiu o acesso de pessoas de diferentes contextos sociais e económicos às práticas culturais. Por outro lado, permitiu reavivar aspetos da cultura local e estilos de vida do quotidiano que estão em vias de extinção. A intervenção comunitária desenvolvida pode vir a gerar um foco de desenvolvimento local e económico na zona. Mas talvez o mais importante efeito do *De Portas Abertas* foi mostrar que a cultura e a prática cultural não é algo homogeneizado. É algo diversificado e pode acontecer mesmo em locais que aparentemente não são centrais para a dinamização cultural dos espaços urbanos. Tal é o caso do Vale da Arregaça, uma zona da cidade de Coimbra com um valor cultural riquíssimo e que merece ser mostrada, preservada e valorizada.

10. Referencias Bibliográficas

- Abreu, C. (2005). Administração encerra Sanra Clara Cerâmicas. *Diário de Coimbra*, 8.
- Almeida, R. M. (2012). *Teatro Pobre, Teatro Rico ou Da Palavra ao Acto: Estudos em Sociologia do Teatro*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.
- Alzrooni, S. A. (2011). *Using Participatory Mapping Methods to Visualize the Cultural Resources*. Obtido em 27 de Janeiro de 2021, de Academia.edu: https://www.academia.edu/1195733/Using_Participatory_Mapping_Methods_to_Visualize_the_Cultural_Resources
- Augé, M. (2007). *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Azevedo, R. d. (1933). O Mosteiro de Lorvão na reconquista cristã. *Arquivo Histórico de Portugal*.
- Barnes, M., Born, P., Harwood, R., Savner, S., Stewart, S., & Zanghi, M. (2014). Roundtable on Community Engagement and Collective Impact. *Stanford Social Innovation Review [Online]*. Obtido em 27 de Janeiro de 2021, de <http://stanford.ebookhost.net/ssir/digital/29/ebook/1/download.pdf>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- Becker, H. S. (2010). *Mundos da Arte* (Edição Comemorativa do 25º aniversário ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Boal, A. (1991). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Buckley, J. M., & Graves, D. (21 de Março de 2016). Tangible Benefits From Intangible Resources: Using Social and Cultural History to Plan Neighborhood Futures. *Journal of the American Planning Association*, 82(2), pp. 152-166. doi:10.1080/01944363.2016.1141663
- Cabeça, S. M. (2018). Cultural Mapping: a Sustainable Methodology for Intangible Cultural Heritage. *MEMORIAMEDIA Review*(3), pp. 1-10. Obtido em 27 de Janeiro de 2021, de https://memoriamedia.net/pdfarticles/ENG_MEMORIAMEDIAREVIEW_Cultural_Mapping.pdf
- Caleiras, J. (2015). *Para lá dos Números. As Consequencias Pessoais do Desemprego*. Coimbra: Edições Almedina S. A. .

- Carvalho, C. M. (2004). *Dinâmicas Culturais e Cidadania: as Culturas Locais na Pós-modernidade. Um Estudo de Caso*. Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Coimbra.
- Clube União 1919. (s.d.). *União de Coimbra*. Obtido em 13 de Agosto de 2020, de Arregaça: <https://uniaodecoimbra.footeo.com/page/arregaca.html>
- Cook, I., & Taylor, K. (2013). *A Contemporary Guide to Cultural Mapping. An ASEAN-Australia Perspective*. Jakarta: AusHeritage Limited.
- Correia, A. d. (Dezembro de 2003). Teatro fora dos teatros. Arte dramática na prisão, no jardim e no bairro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pp. 55-73.
- Crossick, G., & Kaszynska, P. (2016). *Understanding the Value of Arts & Culture. The AHRC Cultural Value Project*. Reino Unido: Arts and Humanities Research Council. Obtido de <https://ahrc.ukri.org/documents/publications/cultural-value-project-final-report/>
- Fonseca, J. (30 de Junho de 2007). União de Coimbra luta para ter futuro. *Diário de Notícias*. Obtido em 21 de Dezembro de 2020, de <https://www.dn.pt/arquivo/2007/uniao-de-coimbra-luta-para-ter-futuro-660359.html>
- Giovanni, J. R. (1 de Outubro de 2015). Artes de abrir Espaço. Apontamentos para a Análise de Práticas em Trânsito entre Arte e Ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, 4(2), pp. 13-27. doi:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.911>
- Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. (1988). *Alta de Coimbra : história, arte, tradição : 1º encontro sobre a Alta de Coimbra*. Coimbra.
- Infantino, J. (1 de Abril de 2020). Sentidos de la Potencialidad Crítica, Política y Transformadora de las Artes. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, 9(1), pp. 12-28. doi:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.2581>
- Lemos, J. M. (2004). *Fontes e chafarizes de Coimbra*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.
- Madeira, C. (2016). Art programming as a test laboratory for social questions: the case of Horta do Baldio, a vegetable garden for agriculture. Em P. Guerra, & P. Costa, *Redefining Art Worlds in the Late Modernity* (pp. 271-287). Porto, Portugal: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- Markusen, A., & Brown, A. (2014). From audience to participants: new thinking for the performing arts. *Análise Social [Online]*, XLIX (4.º)(N.º 213), pp. 866-883. Obtido em 27 de Janeiro de 2021, de http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_213_d01.pdf
- Martins, G. d. (2020). *Património cultural - Realidade viva*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Melo, S. C. (2014). *Projetos Artísticos (d)e Intervenção comunitária Textura, uma experiência do festival internacional de teatro de Rua de santa maria da feira*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto.
- Mourão, R. (1 de Outubro de 2015). Performances Artistas: Incorporação numa Estética de Dissensão numa Ética de Resistência. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 4(2), pp. 53-69. doi:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.938>
- Pinheiro, S. (12-13 de Setembro de 2020). *De Portas Abertas*. (O Teatrão, Artista) O Teatrão, Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Piscator, E. (1968). *Teatro Político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ramos, J., Santos, A., & Carvalho, D. (2003). *Coimbra Profunda*. Coimbra: C.F. União de Coimbra.
- Raposo, P. (1 de Outubro de 2015). "Artivismo": Articulando Dissidências, Criando Insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, Vol. 4(No 2), pp. 3-12. doi:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>
- Sá, O. (1942). *A Tricana no Folclore Coimbrão*. Coimbra: Edição da Comissão Municipal de Turismo.
- Sarrouy, A. D., Cibeá, A., & Talellis, V. (1 de Abril de 2020). Prácticas Artísticas Colectivas y sus Potenciales Socio-Políticos. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, Vol. 9(1), pp. 3-11. doi:<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.2554>
- Seabra, A. d. (1890). Expropriação da Quinta da Arregaça . *A pedido da Companhia do Caminho de Ferro de Coimbra a Arganil contra o EX.mo Sr. Conde de Foz D'Arouce*. Coimbra, Coimbra, Portugal: Imprensa Academica.
- Silva, F. C. (2013). *Arte e cultura na conquista da cidadania e integração social*. Relatório de Estágio, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Coimbra.
- Throsby, D. (2010). *The Economics os Cultural Policy*. New York: Cambridge University Press.
- UNESCO. (16 de Novembro de 1972). *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*. Obtido em 27 de Janeiro de 2021, de <http://whc.unesco.org/>: <https://whc.unesco.org/archive/convention-en.pdf>

Anexos

Anexo 1 – Mapa do Vale da Arregaça



Anexo 2 – Inquérito aplicado aos moradores do Vale da Arregaça

A Oficina Municipal de Teatro (OMT) e o Teatrão estão a realizar um estudo local com o âmbito de melhor conhecer os residentes do Vale da Arregaça, as suas histórias e as suas tradições.

Este estudo tem a finalidade de organizar uma peça de teatro de texto original baseado na informação recolhida por estes inquéritos. As suas respostas serão fundamentais para o nosso trabalho, e, como tal, pedimos que responda a este inquérito. As suas respostas são anónimas e confidenciais. Agradecemos desde já a sua colaboração.

I. Dados Pessoais

1. Sexo Masculino ₁ Feminino ₂

2. Qual é a sua idade? _____ NR -2

3. Qual é a sua ocupação principal?

Exerce uma atividade profissional ₁

Está desempregado/a ₂

Está à procura do 1.º emprego ₃

É reformado/a ou pensionista..... ₄

É estudante ₅

É trabalhador-estudante..... ₆

Outra situação ₇ Qual? _____

NS -1 NR -2

4. Qual é o seu nível de escolaridade (indique o grau mais elevado que completou).

Sem qualquer grau completo ₁

1º ciclo do ensino básico ₂

2º ciclo do ensino básico ₃

3º ciclo do ensino básico ₄

Ensino secundário ₅

Ensino superior ₆

NS -1 NR -2

5. Há quanto tempo vive no Vale da Arregaça?

Menos de 1 ano ₁

Entre 1 e 5 anos ₂

Entre 6 a 10 anos..... ₃
 Mais de 10 anos..... ₄
 NS ₋₁ NR ₋₂

II. Oferta Cultural

6. Avalie as seguintes afirmações relativas à oferta cultural em Coimbra quanto à sua Importância:

Responda utilizando uma escala onde “1” significa discordo totalmente e “7” significa concordo totalmente.

Afirmações	Grau de Importância	NS	NR
6.1. Existe uma elevada oferta cultural em Coimbra.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
6.2. Existe uma forte divulgação da oferta cultural em Coimbra.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
6.3 A oferta cultural disponível em Coimbra é baseada nas preferências das comunidades locais.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
6.4. A câmara municipal de Coimbra valoriza a prática cultural em Coimbra.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
6.5. Os residentes de Coimbra demonstram interesse nas atividades relacionadas com a oferta cultural de Coimbra.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂
6.6 – Os residentes de Coimbra demonstram interesse em participar ativamente em atividades relacionadas com a oferta cultural de Coimbra.	1 2 3 4 5 6 7	<input type="checkbox"/> ₋₁	<input type="checkbox"/> ₋₂

7. Considera que a informação divulgada sobre entidades organizadoras de atividades culturais (como o Teatrão, por exemplo) é:

Suficiente ₁
 Insuficiente ₂
 NS ₋₁ NR ₋₂

8. Já participou, direta ou indiretamente, em alguma atividade cultural realizada em Coimbra?

Sim ___ Não ___

Se sim, qual? _____

NS _1 NR _2

9. Se fossem realizadas mais atividades culturais que envolvessem a participação do público, teria interesse em participar?

Sim___ Não___ NS _1 NR _2

III. Informação

10. Tem conhecimento de alguma prática tradicional originária ao Vale da Arregaça?

Sim___ Não___ NS _1 NR _2

10.1 Se sim, qual/quais?

11. Tem conhecimento de algum ponto de referência/monumento com importância histórica para o Vale da Arregaça?

Sim___ Não___ NS _1 NR _2

11.1 Se sim, qual/quais?

12. Na eventualidade de serem organizados eventos culturais (peças de teatro, por exemplo) no Vale da Arregaça, teria interesse em participar?

Sim___ Não___ NS _1 NR _2

13. Acha positiva a criação de ofertas culturais que têm como fonte de inspiração práticas culturais tradicionais?

Sim___ Não___ NS _1 NR _2

14. Teria interesse em participar na organização deste projeto do Teatrão que envolve a cultura e tradição do Vale da Arregaça?

Sim___ Não___

NS -1 NR -2

Agradecemos a sua colaboração!

QUAIS AS VANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DO INSTRUMENTO POR QUESTIONÁRIO? PARA QUE SERVIU

- 1. Informação fácil de utilizar estatisticamente. Serviu para criar tabelas no SPSS;
- 2. criar um espetáculo com base nas informações recolhidas;
- 3. informar a população abrangente acerca das atividades que serão realizadas no local;
- 4. pode ser usado em amostras
- 5. divulgação da região
- 6. recolher informações exatas (~~precisas~~ perguntas diretas, fechadas)
 - eficientes a nível de custos
 - anónimos
 - práticos
 - *promove experiências educativas*
 - resultados rápidos
- permite recolher a informação de um elevado número de participantes
 - 7. sistematizar os resultados
- *permite que a população não divague na pergunta*
- *permite analisar questões*

QUAIS OS CUIDADOS A TER ②

NA ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS?

→ Na elaboração das perguntas há que atender às características/habilidades da população que é alvo de estudo. Tendo em conta: na área de estudo da área, a população e a diversidade da idosa e pouco qualificada, pelo que as perguntas devam ser acessíveis e de fácil compreensão e resposta.

③ Perguntas direcionadas para a recolha de informações para a realização do teste.
④ definição do método apropriado para a análise dos dados
→ Ter cuidado com os conteúdos sensíveis.

- clareza
- perguntas objetivas
- disposição das perguntas
- deve haver uma introdução
- linguagem acessível
- Direção do questionário

O QUE É NECESSÁRIO ③

FAZER ANTES DE APLICAR

O QUESTIONÁRIO?

Tocar à campainha; apresentarmo-nos; explicar o que estamos prestes a realizar; ~~perguntar~~ perguntar a disponibilidade; bater à porta; estudar a população

No perguntar a disponibilidade, dar ênfase à brevidade do inquérito para uma mais imediata resposta por parte do inquirido; ~~se~~ distribuir aviso pelos membros do grupo que vão aplicar o questionário (uma pergunta, uma esteve), para uma melhor organização.

④ reconhecimento do espaço, da população residente (taxa etária / habilitações)

⑤ identificação dos problemas da população de modo a fazer um questionário mais objetivo.

⑥ selecionar as questões, e organiza-las de acordo com o objetivo do questionário; imprimir no caso de ser questionário porta a porta.

→ Ir até à Avregosa, apresentar o questionário de forma breve

- estudar os questionários
- Saber acerca da localização, tanto cultural, demográfica ou histórica
- Fazer o questionário

O QUE É O QUE SE PRETENDE COM A ANÁLISE ESTATÍSTICA ?

4

É um método que visa analisar estatisticamente os dados obtidos numa determinada pesquisa. Pretende-se com este método organizar o estudo feito de forma a obter uma visão mais clara dos dados ~~analisados~~ obtidos. e, por conseguinte, retirar conclusões.

Tratar os dados recolhidos com o intuito, de forma a interpretá-los, obtendo a visão mais sãria no objetivo último do projeto: a realização do trabalho acerca da taxa do progresso. A análise estatística permite ainda conhecer todos os dados em diversos tipos de gráficos, para uma mais fácil análise, e ainda correlacionar dados ou mais questões, para uma maior eficiência nos ~~conclusões~~.

① Os dados recolhidos irão originar resultados que depois poderão ser generalizados à população.

② **organizar e comparar as diferentes questões**

- Estudar os dados de forma mais abrangente, com o objetivo de melhorar futuras ~~analisadas~~ atualizações
- recolher dados
- ser objetivo e fácil de interpretar

O QUE SÃO PERGUNTAS ABERTAS ?

5

Perguntas que não de carácter pessoal, ou seja, variam de pessoa para pessoa. Pode ter várias respostas, não existindo nenhuma consenso errada. Por exemplo, no questionário da Arregaça, a pergunta "Conhecem algum monumento histórico no vale da Arregaça?" é considerada uma pergunta aberta, pois cada morador responde de forma pessoal e única. Caso a resposta fosse positiva teriam de enumerar qual ou quais e assim passava a ser uma pergunta aberta.

Uma pergunta aberta não é estruturada, isto é, não tem hipóteses de resposta pré-definidas. O inquirido é livre não só de responder abertamente, como também de acrescentar informações, justificando a sua resposta, por exemplo. maior dificuldade de análise.

① Não há nada a acrescentar ...

② são o contrário de perguntas fechadas, que por sua vez são diretas.

→ O sujeito pode responder usando as suas próprias palavras.

QUAL/QUAIS OS PROBLEMAS) A QUE O QUESTIONÁRIO PRETENDE DAR RESPOSTA ?

(6)

Falta de dinamização da Arregosa/coimbra ^{direta}
Falta de interesse da população da participação nas atividades culturais.

Falta de divulgação das atividades culturais.

Falta de investimento por parte da ~~cidade~~ ^{cidade} nas atividades culturais.

Falta de reconhecimento cultural e histórico no vale da Arregosa

Falta de interesse da população residente no vale

Referências das comunidades correspondem às atividades realizadas.

Relacionar o estado cultural da zona da Arregosa com o seu estado habitacional
(casas degradadas), bem como com a idade e habitação de ^{para} ~~as~~ ^{qualificadas} populações (idade e habitação)

A falta de informação por parte da população em relação à região.

→ Conclusão: concordamos com todo, nada a acrescentar

QUE OUTRAS FORMAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO EXISTEM PARA ALÉM DO ENTREVISTA?

entrevista:

- quantitativa (questões "fechadas")
- qualitativa (questões "abertas")

observação ~~participativa~~ participativa ^{→ interação direta com a população em estudo, ou através da recolha de imagens e/ou vídeos a sua observação}

Escala de avaliação (De 1 a 10, ...)

Exemplo do questionário do vale da Airegaço

↳ De 1 a 7 avalie se "Existe uma elevada oferta cultural em Colimbrã?"

↳ A escala de avaliação é usada no inquérito!

Recolha de dados

Documentos (registos, não registos)
observação participativa
entrevistas

Anexo 4 – Mapa do Bairro Fonte do Castanheiro (usado durante o processo de mapeamento)



Anexo 5 – Fotos do Espetáculo *De Portas Abertas* - Autoria de Carlos Gomes



